novas da galiza

número 168
Junho 2018
3 euros

os pés na terra
Luita contra os vertedoiros na comarca de Compostela 12

direitos
Junta prepara novo plano de transporte público 14

a terra treme
"No Ciemen a rede é o nosso instrumento principal" 20

galiza contrainfo

6-11

# (Re)conhecer o racismo

"Aceptei que me dixeram que falava mal e perdim o meu acento", lamenta Claudibel Rodríguez de Afrogalegas. Sonia Mendes, companheira sua, engade: "por que colocam o foco sobre nos se nom há um prototipo de ser galega?". Desde a antropologia, Luzia Oca aponta a existência dum discurso que se ampara na emigraçom para negar que somos racistas.

A TERRA TREME / **16**

## Mulheres de Honduras contra a ditadura

O assassinato de Berta Cáceres nom conseguiu parar um povo que cada dia tem menos que perder. O ditador, Juan Orlando, ademais de ter baixo o seu controle as forças armadas, criou o seu próprio exército de elite. O poder das balas nom impede que a populaçom saia às ruas de forma histórica após a fraude eleitoral do ano passado com a que o golpista se perpetuou no poder, tal e como apontam as ativistas Érica García e Diana Guillén. A repressom deixa já 43 mortes, mais de 1.000 arrestos e torturas sistemáticas às presas políticas que permanecem em prisom.

**CONSELHO DE REDAÇOM/** Aarón L. Rivas, Alba Moledo, Ana Viqueira, Charo Lopes, Maria Álvares, Maria Rodinho, Raul Rios, Xian Naia S., Xoán R. Sampedro

**ECONOMIA/** Raul Rios
**OS PES NA TERRA/** Aarón L. Rivas
**CORPOS/** Ana Viqueira
**O BOM VIVER/** Conselho de Redaçom

**CORREÇOM LINGÜÍSTICA/** Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Vichu García Torea, Rosa Casais, André Taboada Casteleiro
**MAQUETAÇOM/** Novas da Galiza
**COORDENAÇOM DE IMAGEM/** Charo Lopes
**ADMINISTRAÇOM/** Miguel Valcarcel

**COLABORAM NESTE NÚMERO/** Galiza Contrainfo, Sánti Quiroga, Jurjo Diz, R.C.P., Illa Bufarda, Elena Martín Lores, Borxa Toxa, Abraham Bande Paz, Laia Soldevila,Nerea V. Lameiro, Álex, Carlos C. Varela, Iván Cuevas

**FECHO DE EDIÇOM** 22/06/2018

**EDITA/**
Asociaçom Cultural Minho Media

**SUBSCRIÇONS/**
assinantes@novas.gal

**Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa**

**DEPÓSITO LEGAL /** C-1250-02

# EDITORIAL / Migraçons e racismo

Durante centos de anos, as grandes potencias imperialistas europeias expoliárom, sobretudo, o continente africano e o sul da América. Massacrárom o território roubando os seus recursos naturais e condenando os povos destes países à morte, misseria ou éxodo. Nessa estratagema, os imperialistas financiárom regimes reacionários e impulsárom ditaduras como a que hoje atravessa Honduras.

O racismo e a xenofobia ficam atravessadas por esse afám de colonizaçom que vê nas migradas mao de obra barata que explorar e nom pessoas sujeitas de direitos. Por isso, a anulaçom das leis anti-imigratórias, a luita contra os CIEs e todas as formas de opressom contra as migradas também constitúem um compromisso para as nativas dos países da Europa.

Estar oprimidas nom nos resta capacidade de serem opressoras e, como brancas, temos essa responsabilidade de desenvolver com nós mesmas um trabalho decolonial e antirracista para nom repeter estruturas de opressom sobre companheiras.

As políticas de fronteiras da Uniom Europeia venhem fomentando um racismo nas classes populares que vai contra os própios interesses destas classes, pretendendo colocar um sujeito por baixo para poder perpetuar a lógica da dominaçom. Para evitar qualquer lógica de dominaçom é imprescindível construir umha horizontalidade radical, desde onde podemos apreender e perceber os reflexos das luitas de outras latitudes, como as luitas contra os feminicídios em América Latina, especialmente em Argentina onde o movimento *Ni una Menos* foi motor da greve internacional do 8 de março.

A melhor forma de defender os nossos direitos é assegurar os direitos das outras.

gabriella barouch

alto falante
altofalante@novas.gal

# *Pedem garantias sobre a salubridade da água de consumo em Salvaterra*

Recentemente a associaçom Lazoiro recebeu um escrito da Chefatura Territorial da Conselharia de Saúde em que fai a seguinte mençom: "Em relaçom à praia de Cordeiro, um relatório da Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil, pom de manifesto a existência de verteduras de águas residuais a 350m águas por cima da zona de banho, o que pode supor um perigo objetivo para as banhistas, polo que o Concelho de Salvaterra de Minho deverá sinalizar a zona como non apta para o banho enquanto nom realizem as gestons oportunas para que os vertidos dos núcleos situados águas por cima incorporem sistemas de desinfeçom aos tratamentos de depuraçom das suas águas residuais".

Esta informaçom fai saltar o alarme na associaçom Lazoiro quando os vizinhos da zona do Cordeiro confirmam a esta associaçom que o concelho de Salvaterra, na zona intermédia entre a praia fluvial do Cordeiro e o lugar dos vertidos, está colhendo água do rio para o abastecimento por meio de um bombeio que a envia ao depósito do monte do Castelo do qual se abastece o município.

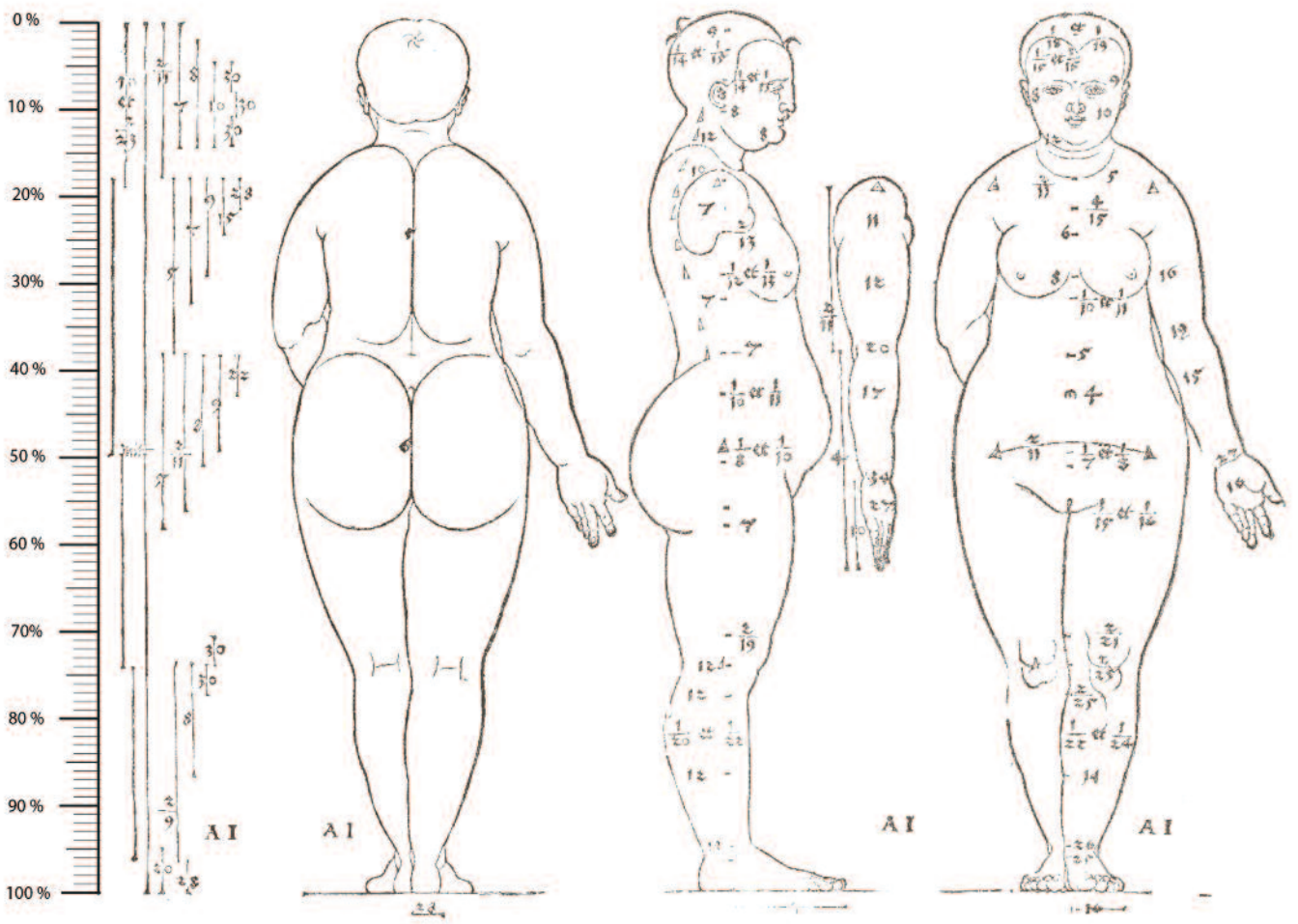
A associaçom Lazoiro acaba de dirigir-se ao Concelho de Salvaterra, Conselharia de Saúde e Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil para que se garanta a salubridade da água de consumo no concelho de Salvaterra e se proceda a efetuar as obras necessárias para rematar com os vertidos de águas residuais no rio Tea, na zona do Cordeiro.

Também se solicita ao concello de Salvaterra, tal como indica a Conselharia, que se proceda a sinalizar a zona de banho do Cordeiro como zona nom apta para o banho enquanto continuem os vertidos.

*A Confederaçom Hidrográfica manifesta a existência de umha vertedura de águas residuais 350 metros águas por acima de umha praia fluvial*

Salvaterra, 11 de junho de 2018

**Associación Lazoiro /**




alberto durero

# A-normalidade

SÁNTI QUIROGA

Na atualidade, os limites da normalidade parecem estreitar-se ao frenético ritmo no que aumenta a diagnose de doenças físicas, mentais ou sensoriais que o saber-poder médico sanciona como "discapacidades", levantando um muro -com pretesons científicas- que divide, segundo Ferrante, dicotomicamente a existência humana entre o normal/saudável/formoso e o anormal/doente/feio.

O ser humano já nom encontra refúgio onde manifestar naturalmente a sua diversidade constitutiva. É perseguido por umha vaga de especialistas que o disecionam como objeto de conhecimento, dentro de umha ampla rede disciplinar que procura o seu adestramento, adaptaçom, classificaçom e normalizaçom, tal e como o expressara Foucault. A hiperatividade, ou excesso de movimento, poderia ser o teu trastorno se fosses umha criança aborrecida na escola; o estresse, polo contrário, seria-te diagnosticado polo médico da empresa se fosses um trabalhador que nom logra adaptar-se ao ritmo imposto polo patrom. Em ambos os casos o saber-poder médico despolitiza os conflitos, respetivamente, inscrevendo-os no âmbito médico do défice individual.

Mas, como é possível que a normalizaçom operada pola ciência médica se fosse instalando nos modos de regulamentaçom das nossas relaçons quotidianas? A genealogia deste imperialismo médico está ligada à apariçom das técnicas de poder disciplinar, no século XVIII. A partir de aí, o poder transita cara umha nova modalidade, segundo a qual, nom será a lei (de inspiraçom divina) a que justifica a sançom, senom a norma (como construçom científica).

*O coletivo de pessoas com capacidades diferentes às consideradas próprias de um corpo saudável foi ciente de que utilizar a palavra "discapacidade" implicava autodefinir-se negativamente. Nasce assim a ideia de diversidade funcional como ferramenta ideológica.*

Naquela altura, desviadas da norma médica, estavam as pessoas concebidas como anormais. Situaçom que justificava a sua institucionalizaçom num momento histórico em que as necessidades funcionais do Capitalismo nascente exigiam de umha abundante mao de obra eficaz e produtiva. A força de trabalho "discapacitada" ou "ineficaz", portanto, constituía um excedente prescindível que devia ser apartado do processo produtivo. Como consequência, a ineficiência económica era um dos fatores que motivava a criaçom da "anormalidade fisiológica", como objeto de estudo da medicina, adquirindo o *status* de natural, quando em realidade era fruto de umha construçom social e histórica de caráter arbitrário, como nos lembraria Bourdieu.

Ao longo da história, desenvolveram-se diferentes modelos epistemológicos que trataram de estudar a realidade dos corpos nom normativos desde diferentes perspetivas. O modelo social, confrontar-se-ia ao médico, considerando a discapacidade nom como um facto natural ou fisiológico, senom como umha experiência de opressom, marginalizaçom e exclusom cara um grupo de pessoas por possuírem capacidades diferentes às consideradas próprias de um corpo saudável. O próprio coletivo foi ciente de que utilizar a palavra "discapacidade" implicava autodefinir-se negativamente, subalternizando-se ao modelo normativo capacitista. Nasce assim a ideia de diversidade funcional como ferramenta ideológica, da mao do movimento de filosofia independente, para denotar os diferentes modos de agir que as pessoas manifestam, evitando a hierarquizaçom entre eles.

A situaçom de privilégio que ainda tem o sujeito que ocupa o cume da pirâmide social normativa: o homem branco, ocidental, heterossexual, de classe alta e "capaz" tem os dias contados, afortunadamente.

**Sánti Quiroga** é mestre.

*Os centros sociais na Galiza nom som experiências associacionistas desligadas da realidade política do movimento popular galego, nem devem sê-lo*

# De centros sociais e o contra poder

JURJO DIZ

No passado 23 de maio era despejado mais um centro social do país, o C.S.O. A Insumisa. A polícia local da Corunha tomava o espaço e procedia à sua ocupaçom por ordem da Marea Atlántica.

Nada mais conhecer-se a nova do despejo, a resposta solidaria nom tardava em aparecer, dúzias de pessoas concentravam-se às portas do centro social. Tal e como sucedera com o Escárnio e Maldizer o movimento popular galego fechava filas com a palavra de ordem '10, 100, 1000 Centros Sociais'.

Tentemos debulhar os fatores políticos e ideológicos que intercedem no caso, vaiamos ao verdadeiramente importante, ao fundo da questom de porque se chega a tal situaçom. A tal situaçom de hipocrisia, incoerência e oportunismo por parte da Marea Atlántica.

O que cabia esperar de quem sempre rejeitou os centros sociais de todo o país, lembrando-se deles só quando a situaçom o requeria, fazendo gala do mais "afável" oportunismo. Se calhar porque os Centros Sociais som marginais, esquerdistas ou qualquer outro adjetivo similar usado por eles simplesmente para justificar a sua linha, que nom responde mais do que à deriva política que sempre caracterizou alguns destes sectores.

E claro, aqui a escusa, um centro social para toda a "cidadania" gerido democraticamente polo tam avançado concelho da Marea.

Mas o problema base está aqui. Qual modelo de centro social? Com que finalidade? Desde onde?

Para qualquer pessoa com um mínimo desejo de impugnar o atual regime, encontrará isto respondido em várias experiências do nosso país. Os nossos bairros, a nossas vilas, as nossas cidades precisam de espaços que na base, no cotidiano, criem sinergias com as vizinhas, com as suas associaçons, com escolas, com todo ao seu alcanço. Com o fim de construir dinâmicas úteis e necessárias, construir contra-hegemonia e socializá-la, normalizá-la.

A Marea deve ver os Centros Sociais como estruturas vizinhais branqueadas de todo posicionamento político, afastados das problemáticas, com um exclusivo fim cultural e lúdico. Quanto menos, estas seriam as únicas potencialidades que teria um CS de carácter institucional, tenha a cor que tiver, use a retórica que usar e funcione internamente como funcionar.

É simples, nom temos que demorar muito para atopar exemplos de Centros Sociais que abrírom caminho nos bairros com incansável trabalho. Caberia dizer, que de todas as experiências do movimento popular galego em geral, os centros sociais constituem a máxima. Espaços que representam algo bem diferente ao projeto da Marea para as Naves de Metrosideiro, ou para qualquer outra proposta dirigida dum concelho.

Com isto, nom pretendo negar as utilidades que poida ter um espaço desta caraterísticas para as pessoas, mas o essencial, a capacidade de introduzir discurso na sociedade e criar poder popular, perde-se. Os centros sociais na Galiza nom som experiências associacionistas desligadas da realidade política do movimento popular galego nem devem sê-lo.

---

**Jurjo Diz** é membro da Mesa Nacional de Briga e ativista no C.S Revolta.

# O povo em luita contra a mina

REDAÇOM / No domingo 10 de junho umha maré humana encheu as ruas de Compostela e a Praça do Obradoiro para berrar 'Nom à mina de Touro-Pino'.

Segundo denunciam as entidades convocantes, o projeto de Atalaya Mining pretende extrair mais de 356.000 toneladas de cobre, realizando-se para isso seis grandes voaduras ao dia. Denunciam também a construçom de duas balsas, a 200 metros das vivendas, de 81 e 54 metros de altura com capacidade para 100 milhons de toneladas de lodos altamente contaminantes.

A Plataforma pola Defesa da Ria de Arouça denunciou também que essas balsas podem rematar afetando à ria caso haja filtraçons ao rio Ulha.

Todo isto acontece enquanto na zona ainda estám presentes as consequências ambientais da mina anterior.

Fotografias: Galiza Contrainfo

jeannie phan

XENOFOBIA /

# É hora: falemos de racismo

**ana viqueira**
anaviqueira@novas.gal

As migradas constitúem o 3,2% das pessoas empadroadas na Galiza segundo o Instituto Galego de Estatística. Umha populaçom invisibilizada, perseguida e discriminada por múltiplos racismos. "Cada dia aproximadamente duas pessoas migradas som detidas no nosso território por carecer de documentaçom", explica a ativista do Foro Galego de Imigraçom Mari Fidalgo. Os privilégios das galegas brancas contribuem na perpetuaçom do sistema xenófobo. "O discurso de que as galegas fumos emigrantes e que portanto nom somos racistas é umha escusa para nom tocar o racismo", destaca a antropóloga Luzia Oca.

"Nom che vou deixar ver os teus filhos puta negra de merda, marcha ao teu país". Esta foi umha das ameaças que recebeu Gloria, trabalhadora na casa, por parte do filho do que era o seu empregador. "Maltratava-me, nom me deixava em paz", explica. Superado o medo, decidiu denunciá-lo perante o julgado do penal de Compostela por um delito de ameaças. "Passei-no mui mal, fiquei traumada depois destas ameaças e de que me figesse a vida impossível até o ponto em que, finalmente, acabei por retirar a denúncia", explica.

Calcula-se que perto de 80% das agressons racistas e xenófobas nom estám a ser denunciadas. Entre os motivos, destaca a vulnerabilidade na que as Administraçons deixam a populaçom migrante junto à impunidade social de quem agride.

## Aumento das agressons racistas

O informe anual do 2017 apresentado por SOS Racismo Galiza contabiliza 70 agressons racistas, o que reflexa um aumento do mais de 50 % destas violências a respeito do ano anterior. Contudo, a maioria dos ataques xenófobos nom som denunciados e apenas se fam públicos.

> Cada dia, arredor de duas pessoas migrantes som detidas no nosso território por carecerem de documentaçom

O Observatório para a defensa dos direitos e liberdades, Esculca, contabiliza mais dumha dúzia de agressons cara ao coletivo migrante e racializado nos últimos sete anos. A maioria produzírom-se na Corunha onde a finais do ano passado identificárom expressamente duas mulheres que levavam *hijab* quando se dirigiam justamente a um congresso sobre islamofobia e género. Na mesma cidade, dous agentes da polícia local fôrom absoltos em 2016 dos delitos de tortura e lesons cara a umha pessoa migrante.

No relatório, também aparecem multas a pessoas por procurarem comida no lixo e redadas com violência contra vendedores ambulantes. Um dos casos mais duros sucedeu o primeiro dia dos saldos de inverno de 2011, quando a polícia municipal

# RACISMO / PRIVILÉGIOS BRANCOS

da Corunha realizou umha redada na rua Real contra os vendedores ambulantes. O operativo, que contou com umha ampla cobertura de meios, de polícias à paisana a agentes motorizados, acabaria com a detençom de dous vendedores.

Do Foro Galego de Inmigraçom, Mari Fidalgo aponta que "agás as razias policiais que se executam no Sam Froilán ou na rua Real da Corunha contra os vendedores ambulantes, a represom nom é tam espetacular como acontece noutros lugares senom que é muito mais sutil ainda que igual de violenta". Coloca de exemplos, as redadas policiais que se fam chamando à comissaria para resolver qualquer assunto de trâmite de permissons e que pode acabar numha deportaçom expressa, que se resolve em 72 horas com escassas ou nulas garantias jurídicas. "Ou que a polícia acuda diretamente aos domicílios para pedir documentaçom, situaçom que é frequente no caso das trabalhadoras sexuais", aponta.

Mobilizaçom contra as políticas migratórias da Uniom Europeia na cidade da Corunha
galiza contrainfo

## Deportaçons expressas

Nos últimos meses, as deportaçons estám em aumento por ordem da Uniom Europeia. Nos julgados de Vigo realizam-se até três procedimentos deste tipo cada semana. Numha sessom de maratónia, o passado 6 de junho o julgado do Contencioso-Administrativo número 1 desta cidade chegou a celebrar cinco juízos em que migrantes em situaçom irregular recorriam umha ordem governamental de expulsom.

Estas ordens de expulsom abertas a imigrantes sem documentaçom superam as 1.800 entre os anos 2012 e 2017, segundo os dados da delegaçom do governo espanhol na Galiza. A Corunha é onde se registra o maior número de expulsons executadas com mais do 40% do total.

A cifra encontra-se em suba devido ao impacto que causou a sentença do tribunal europeu de 2015 que obriga as autoridades do Reino de Espanha a aplicarem a repatriaçom de migrantes em situaçom administrativa irregular. Desde aquela, os juízes já nom atendem as condiçons pessoais da afetada senom que emitem umha fulminante ordem de expulsom.

> "Agás as razias policiais contra os vendedores ambulantes, a represom nom é tam espetacular como noutros lugares senom que é muito mais sutil ainda que igual de violenta", sustém Mari Fidalgo

## Racismo institucional

Estas políticas estatais contribuem a solidificar o racismo e xenofobia institucional que, para Fidalgo, se materializa na "exclusom de direitos e liberdades e na conceçom barato e servicial do que botar mao e nom como sujeita de direitos e, portanto, umha conceçom profundamente colonial e utilitarista". Por exemplo, do Foro Galego de Inmigraçom observárom que a aplicaçom informática que empregava a Concelharaia de Educaçom para tramitar as ajudas a livros de texto nom permitia incluir um número de passaporte da adulta responsável, umha questom técnica que poderia deixar fora as criaturas cujas nais e pais estivessem em situaçom irregular. As travas burocráticas repetem-se num sem-fim de casos como o aceso a escolas infantis.

Outras vezes as violências cara às migradas repercutem diretamente nas suas vidas como é no caso da saúde. A mortalidade entre pessoas migrantes aumentou um 15% depois do governo espanhol expulsá-las em 2012 da saúde pública. Em total, segundo o estudo realizado pola Universitat Pompeu Fabra de Barcelona, *Els efectes mortals de perdre la cobertura sanitària*, o Reino de Espanha deixou sem cartons sanitários 873.000 pessoas. "Geram fronteiras entre a populaçom estabelecendo aquelas que som sujeitas de direito as que nom o som", explica Mari Fidalgo.

## Burela, o mito da integraçom

A antropóloga Luzia Oca é clara ao denunciar que todo o discurso que realiza a Junta com respeito à integraçom social é "pura fachada". A investigadora estudou durante anos a comunidade cabo-verdiana de Burela, onde vive, e plasmou esse conhecimento em papel na obra *Caboverdianas en Burela (1978-2008). Migración, relacións de xénero e intervención social*. Com a sua chegada há quarenta anos, a de Burela é a comunidade preta mais antiga de Galiza. "Usou-se muito a imagem de Burela como um exemplo de integraçom, mas todo é fume e propaganda", aponta. Sustém que a base do conceito da integraçom deve ser o dum processo multidimensional que tenha em conta o mundo laboral, os direitos da cidadania e a vivência das culturas. "As pessoas migrantes tenhem, no mínimo, duas culturas polo que

## RACISMO / PRIVILÉGIOS BRANCOS

tarsila do amaral

"Nom se trabalha a diversidade nem os referentes das cabo-verdianas que som pretas ou as peruanas que som indígenas", aponta Luzia Oca

devem existir umhas identidades mais fluidas e abertas".

Muitas das violências que sofrem as pessoas migradas perpetuam-se com as seguintes geraçons que encontram idênticos ou semelhantes obstáculos racistas. No caso de Burela "há umha separaçom muito clara entre as comunidades de toda a vida: a ilha de indonésios e a de cabo-verdianos. Existem barreiras invisíveis de relaçons nos bares, discotecas... Também há desigualdades consequência do racismo como o fracasso escolar, que nom vai ser superado nom havendo mudanças na raiz das violências".

Precisamente, o sistema escolar também é um dos eixos em que se perpetua o racismo. "Nom se trabalha a diversidade nem os referentes das cabo-verdianas que som pretas ou as peruanas que som indígenas". Em Burela "presume-se de multiculturalidade, polo que o racismo é um tema tabu socialmente e converte-se em algo difícil de tratar".

Desta forma, o racismo é sustentado pola própria sociedade. "Dá-se um discurso do 'buenismo', como as galegas fumos emigrantes nom podemos ser racistas e isso é umha escusa para nom tratá-lo", destaca Luzia Oca.

No passado 6 de junho, o julgado de Vigo celebrou numha manhá cinco juízos em que migrantes em situaçom irregular recorriam umha ordem de expulsom

O racismo gera violências sobre as pretas, asiáticas, árabes... E todas as identificadas como 'nom brancas', também sobre a comunidade cigana que começou a assentar na Galiza entre os séculos XIX e XX. De facto, o anticiganismo constitui-se como um tipo específico de ideologia racista que o ativista cigano, Valeriu Nicolae, focaliza nos "discursos e representaçons do mundo da política, a academia e a sociedade civil, a segregaçom, a desumanizaçom, a estigmatizaçom, assim como a agressom social e a exclussom socioeconómica".

### O privilégio das pessoas brancas

Maria Fidalgo, desde a sua opiniom e experiência pessoal como migrada, fala da colonialidade como "sistema de opressom que opera alimentando umha visom das pessoas migradas como um mero recurso do que botar mao quando interessa, portanto, utilitarista, ou ignorando e invisibilizando as nossas realidades e problemáticas". Coloca umha cifra: a cada dia aproximadamente duas pessoas migrantes som detidas no nosso território por carecerem de documentaçom, que pode acabar com umha expulsom em 72 horas ou o ingresso num Centro de Internamento de Estrangeiros (CIE), que pouco se diferença dum cárcere. "Quem denuncia essa pressom?"

Luzia Oca considera que o antirracismo é ainda umha tarefa pendente, ainda que desde o movimento feminista percebe mais consciência. Fidalgo, que também participa do movimento feminista, matiza a implicaçom das feministas no antirracismo. "Muitas damos a curtir comunidades e falamos da necessidade de desconstruir os privilégios, mas é raro ver a companheiras dispostas a dedicar tempos e energias em partilhar espaços com mulheres migradas". Fai especial ênfase nas trabalhadoras da casa e sectores de muita exploraçom em que os dias de livrança reduzem-se a sábados de tarde ou domingos. "Quantas estamos dispostas a dedicarmos esse tempo para gerar alianças e vínculos com essas mulheres?".

Reconhece que estas som perguntas "incômodas" e "antipáticas" para muitas pessoas, mas considera que "já é hora de as tratarmos de forma honesta e a sério". Recalca que "posicionar-se firmemente contra as políticas migratórias e de controlo de fronteiras que se materializam nas vidas de pessoas que som as nossas vizinhas é combater e resistir a umha ordem injusta e assassina".

## RACISMO / RACHAR COM OS TABUS

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Desde finais do verao passado, Afrogalegas constituiu-se como coletivo para dar voz às mulheres racializadas e constituir um espaço confortável e seguro em que reconhecerem-se e empoderarem-se. Sonia Mendes já conhecia algumhas das companheiras com as que nom só partilha as mesmas violências senom também os mesmos interesses. Poucos meses depois, Claudibel Rodríguez somou-se ao grupo depois de umha exposiçom fotográfica de afrodescendentes. "Vim que sentiam o que eu, já nom me era umha estrangeira".

Sónia Mendes e Claudibel Rodríguez de Afrogalegas

hector barandela

# "Tu nom podes luitar por mim quando a raça é o que mais me limita"

**Que mudanças produzírom em vós estar em Afrogalegas?**

**Claudibel Rodríguez:** Sinto-me mais tranquila. Há companheiras com as quais partilho traços culturais que me lembram os meus costumes e isso acalma a raiva que tinha dentro.

**Sonia Mendes:** Reparei que há um sítio na sociedade que ocupamos ainda que nom nos deixem visibilizá-lo. Também vim que há mais pessoas que sentem esta raiva. Caminhamos cara a um movimento social com voz.

**Que passos cumpre dar para chegar ao ponto do movimento social com voz?**

**S. M.:** Primeiro há que conhecer o carácter do grupo, saber bem o que queremos e que nom se perdam os nossos objetivos. A nível pessoal, acho que devemos ser um movimento social que torne visível a nossa situaçom.

**C. R.:** Dar passos face à organizaçom da sociedade negra na Corunha e nom estar divididas. Temos umha história comum e devemos organizarmo-nos para conseguirmos esse movimento social.

**Como é ser afrodescendente na Corunha?**

**S. M.:** É ser invisível. Semelha que nom és nem cabo-verdiana, porque nom participas da sua sociedade, nem galega.

## RACISMO / RACHAR COM OS TABUS

*"Perguntam quantos anos levo no estado espanhol, quando no próprio curriculum tenho posto que nascim em Burela. Eles próprios criam a ideia de que nom és de aqui"*

**C. R.:** Coloco um exemplo. Estava em aulas quando um professor falou da diversidade e di "aqui todos somos brancos". Nesse momento, acordei. Quem som eu aqui? Perguntava-me. O professor continua: "mas dentro do branco há diferentes tons". Rim em alto. Logo, ele pediu desculpas. (Fai umha pausa). Por vezes, nom me consideram negra, mas quando fago algo do qual nom gostam já soltam todo o seu racismo. Sacam todos os prejuízos sobre o que é ou nom ser umha mulher negra.

**Quais som os prejuízos sobre a mulher negra?**

**C. R.:** Ser picante, fogosa, que canta bem e é umha fera na cama. Surpreende que saibas falar bem e, ademais, assim cho dim à cara. Colocam sempre o foco sobre ti: onde moras, se conheces a língua galega. Eu nom a falo, mas sim a entendo. Continuam-me perguntando se o percebo ou mudam de idioma quando falam comigo.

**S. M.:** A hipersexualizaçom, que nom tés formaçom... Sem direito a queixar-te. Que só valemos para cuidar ou cozinhar...

**C. R.:** Que vendes o teu corpo. Isso desde bem pequena!

**S. M.:** Que ser negra é sinónimo de ser 'fácil'.

**C. R.:** Que vás ser agressiva, e podo sê-lo porque é o meu carácter ou porque tu, com o teu racismo, provocaste que eu seja assim.

**Estas violências também se dam no plano laboral?**

**S. M.:** Combinar umha entrevista de trabalho já me exige mentalizar-me ante o golpe que vai ser. De início, o olhar de arriba a abaixo. Perguntam-se o que fai esta negra ali. Reparam na minha origem em vez de na minha formaçom. Perguntam quantos anos levo no estado espanhol, quando no próprio *curriculum* tenho posto que nascim em Burela. Eles próprios acreditam na ideia de que nom és de aqui.

Ademais, semelha que só tés um nicho laboral. Se nom és cuidadora, estás a passar do lugar desenhado para as negras. Porque me tenho que sentir assim? Porque nom lhes podo chamar a atençom? Se fosse suíça ou norte-americana, o trato seria bem diferente.

**Como é a relaçom com as instituiçons?**

**S. M.:** O racismo também é institucional porque está dentro das estruturas da sociedade. Por exemplo, em Burela, existe um discurso normalizado de ideias racistas, mas ali acham que nom o som. Os meus pais fôrom imigrantes e parece que estám em estado permanente de agradecimento, um carácter que temos que ter as filhas. E nós, ou nascemos aqui ou estamos desde crianças, e deveríamos ter os mesmos direitos que as demais. Mas nom. Entom queixas-te e os progressistas berram-che porque estás a erguer a voz e podes incomodar às que dim que só tentam ajudar-te.

O mesmo nas instituiçons educativas. Tivem professores que me faltavam ao respeito e umha catedrática, em concreto, dizia cousas como que por ser negra nom o íamos ter mais doado nas aulas.

**C. R.:** Ao chegar tivem que fazer umha prova de nível e, ainda que

## RACISMO / RACHAR COM OS TABUS

hector barandela

*"Fam-che sentir todo o tempo que tés que demonstrar algumha cousa e isso queima. Dim-che que nom és negra, mas moreninha. Porque che molesta que me sinta negra?"*

me dixérom que corresse bem, decidírom baixar-me um ano e meter-me num grupo reduzido. Nesse grupo, davam menos conteúdos e muito mais fáceis. Sentim-me envergonhada. Dérom por feito que nom ia ser capaz de sacar adiante um nível mais baixo que o meu. Nas discotecas e bares tiram da idade o direito de admissom. Entram pessoas e a mim pedem-me o cartom de identidade, ficam a olhar para ele e depois dim que só podem entrar maiores de 21 quando som 18. Esses sítios já os tenho vetados. Inclusive, num dixérom-me diretamente que nom me deixavam entrar por ser latina.

**Como se desnaturalizam as violências?**

**S. M.:** Depois de ir trabalhando interiormente, vês que atitudes que semelhavam normais para ti eram racistas e é duro. É umha boa aprendizagem, mas dura.

**C. R.:** Corregia-me o sesseio. Sentia que nom podia molestar, que nom tinha o mesmo direito.

**S. M.:** Quando o meu pai chegou à Galiza estava por morrer Franco e entendo o sentimento de eterno agradecimento que tinha. Mas nom somos essa primeira geraçom. Porque devemos estar agradecidas se esta é a nossa sociedade? Quando conseguim desmontar atitudes e episódios traumáticos da infância, contei aos meus pais que isso fora racismo. Há pessoas às que nom gostam de lembrar, mas há que reconhecê-lo.

**C. R.:** Naturalizei que me sexualizaram tanto. Cheguei a acreditá-lo de mim própria e a pensar em que o único tema de conversa era que de onde provinha e se estava integrada. Aceitei que me digessem que falava mal e dói-me ter perdido o sotaque, que deixei atrás porque me faziam sentir diferente. Era umha mofa à minha palavra. Agora parece-me engraçado porque querem falar como se fossem latinos por moda.

**Como combinades as culturas?**

**C. R.:** Deixei a minha cultura para adquirir outra com quinze anos. O meu mecanismo de defesa foi camuflar-me. Agora já nom, agora defendo-o.

**S. M.:** Percebe-se a falta de referentes. É umha consequência da colonizaçom. Depois de anos, decatei-me de que estava a lidar com duas culturas. Som um híbrido cultural: cabo-verdiana e galega, tenho duas avós (ri). Segundo vás medrando tratas de gerir as duas, mas sempre tratam de colocar umha por cima da outra. Há que deixar que fluam mais.

**C. R.:** Presume-se de diversidade, mas se fosse certo haveria mais interculturalidade.

**S. M.:** Porque colocam o foco em nós se nom existe um protótipo de "ser galega"? Porque se nos exige abandonar o que é nosso?

**Qual é a vossa relaçom com o movimento feminista, especialmente a raiz do 8 de março no que surgírom críticas sobre a falta de representatividade e reivindicaçons das mulheres racializadas?**

**C. R.:** Gostaria de sentir-me tam identificada como as minhas companheiras. Nom me sinto representada para nada com umha mulher branca e burguesa. Perante isto, sinto-me fora de lugar e como um bicho raro. Conheço feministas que se declaram antirracistas, mas realmente nom o som e aí vês a superioridade que tenhem, os poderes. Nom podo chamar alguém assim de companheira. Antirracismo nom é dizer que está mal que te chamem negra de merda, é ter formaçom e atitude decolonial.

**S. M.:** O movimento feminista é fundamental e como Afrogalegas participamos juntas. No 8 de março também estivemos representadas. O feminismo negro é importante, ser capazes de assumir e denunciar a existência de discriminaçons por sermos negras, mulheres e de classe trabalhadora.

É necessário ver também a representatividade de cada afrogalega. Falas com companheiras e vês que a linguagem limita, a incompatibilidade horária, as cargas familiares... Nom todas as pessoas podem aderir. Tu nom podes luitar por mim quando a raça é o que mais me limita, o mais importante.

**C. R.:** Sim, pedem-nos que escolhamos entre raça e género.

**S. M.:** Somos muito visíveis. Saes à compra, no autocarro... fam-che sentir todo o tempo que tés que demonstrar algumha cousa e isso queima. Dim-che que nom és negra, mas moreninha. Porque te molesta que me sinta negra? Por que carregas de negatividade "ser negra"?

**C. R.:** Por exemplo, a mim custou-me identificar-me como negra pola cultura dominicana. Mas, como outra pessoa me vai dizer com o que me tenho que identificar?

**S. M.:** Fora o *Black Friday*, como se lhe chama agora aos saldos do Natal, todo o que leva a palavra negro tem conotaçom negativa.

**C. R.:** A linguagem influi muito. Quando te expressas dis quem és. Se tés umha linguagem racista é que há estruturas racistas que ainda mantés na cabeça.

**S. M.:** Semelha que racista é só quem nos mata..

Antes de rematar a entrevista, as duas reafirmam que "Afrogalegas está aqui para ficar" e que vam continuar a se fortalecerem e caminhando com este projeto que é "um espaço para falar e reflexionar como mulheres negras que alçamos a voz". Esforçarem-se em (re)conhecerem-se as umhas às outras, e matizam: "As negras somos diferentes entre nós, nom somos umha massa homogénea".

r. c. p.

GESTOM DE RESÍDUOS /

# Algo cheira podre na comarca de Compostela

Enquanto a vizinhança de Teio luita contra a construçom dumha planta de resíduos em Casalonga em Miramontes pugnam por fechar o vertedoiro

**r. c. p.**
conselho@novas.gal

O sábado dia 17 de junho a carvalheira de Cornide, situada na paróquia de Calo, em Teio, estava cheia de pessoas. Crianças, senhoras e senhores idosos, adolescentes. Buscando a sombra para protegerse da calor, quase todas vestindo as camisetas negras com o lema 'Zona residencial nom residual' da plataforma vizinhal Casalonga Limpa de Resíduos. Esta foi a primeira mobilizaçom convocada polas suas integrantes, que levam trabalhando desde maio deste ano para darem-se a conhecer.

De caminho a Cornide vem-se indo de carro cartazes com mensagens reivindicativas. Muitas delas dedicadas a Toca y Salgado S.L., Toysal, umha empresa com sé em Vigo que há uns meses anunciou a sua intençom de pôr em marcha umha planta de resíduos na antiga canteira de Carvalhal, no lugar de Casalonga. A Lei do Solo de 2016 permite a instalaçom destas plantas em solo rústico, quando previamente só se podiam edificar em solo industrial. O futuro vertedoiro trataria entre 80.000 e 90.000 toneladas anuais de resíduos, segundo dados do Concelho. Entre eles, lodos de depuradoras de águas residuais, resíduos de indústrias agroalimentares e lodos de conserveiras, entre outros. Até 120 camions carregados de resíduos percorreriam as estradas teenses. A atividade da planta afetaria a mais de 5.000 vizinhas num rádio de menos de dous quilómetros, segundo dados da plataforma vizinhal.

> A Lei do Solo de 2016 permite instalar vertedoiros em solo rústico

Norma Pilhado é a voceira da plataforma Casalonga Limpa de Resíduos. Explica que a rapidez com a que se organizou a vecinhanza foi incrível. O 12 de maio o Concelho de Teio anunciava na sua *web* a convocatória dumha charla informativa sobre o projeto de Toysal. "Fôrom uns poucos vizinhos, mas começou-se a correr a voz". Na segunda reuniom, também organizada polo consistório, acudiu tanta gente "que nom se cabia". Daquela reuniom ficárom "uns trinta vizinhos", conta Norma. "Decidimos criar umha associaçom, fazer uns estatutos e organizarnos em distintos grupos de trabalho. Levamos a cabo as primeiras açons: instalar cartazes polas casas."

Tanto a vecinhanza como os grupos políticos de Teio, que aprovárom em pleno umha moçom conjunta contra a plataforma, acham sobrados os mo-

tivos para posicionarem-se em contra da planta de resíduos. Vertedoiros sim, mas nom ao carom das casas. Também conseguírom apoio dos concelhos de Briom, Ames e Padrom, que se veriam afetados pola atividade da empresa. O prazo de exposiçom pública do projeto da canteira ainda nom está aberto. Mas em Teio decidírom nom aguardar e chegárom à Conselharia de Médio Ambiente. "Tivemos umha reuniom com a diretora de Qualidade Ambiental, que nos dixo que isto havia demorar tempo. Os prazos agora coloca-os Toysal, logo sairá no DOG e teremos os trinta dias para presentarmos alegaçons. Nós estamos estudando o projeto, ainda que sabemos que nom é o definitivo, que nos vam entregar outro mais cuidado. Nom sabemos se vam entregar em agosto, para tentar colher-nos de férias, ou mais adiante...".

Pola sua banda também o Concelho de Teio pediu um informe sobre o projeto, que redigiu a empresa Habitaq Estratexias. Nele alerta sobre a inestabilidade do terreno sobre o qual se instalaria o vertedoiro, devido à precedente atividade mineira. Ademais aponta a falta dum informe sobre a fauna e flora da contorna. Para além a documentaçom estudada nom prevê medidas para mitigar as moléstias que umha planta de resíduos pode ocasionar na vizinhança, como os cheiros.

A associaçom inspirou-se no trabalho feito por outras plataformas do país, como a de Mina Touro- O Pino Nom ou a Plataforma de afetados polo vertedoiro de Miramontes, de Santiago de Compostela. Membras de ambas as associaçons estivérom presentes no sábado em Cornide. Centos de pessoas chegárom de distintos recunchos de Teio para caminharem até a canteira de Casalonga. Se calhar a loita desta última foi a que convenceu as teenses de que nom queriam aguardar para pecharem um projeto nocivo para o município, preferiam pará-lo antes que se levasse a cabo.

r. c. p.

## Viver ao pé do lixo

As pessoas da plataforma de afetados polo vertedoiro de Miramontes, na paróquia compostelana de Grijoa, sabem bem o que é viver perto de toneladas de lixo. Explica David Martínez, do coletivo, que "há ano e meio algum vizinho começou a preocuparse polos cheiros que chegavam de ali". Assim a gente da aldeia foi investigar atopárom que nom existia controlo sobre o que se acumulava num projeto que, desde 2008, recebeu permissons para gerir resíduos cada vez mais contaminantes.

> A plataforma de afetados de Miramontes conseguiu que as administraçons atuassem

Três empresas operavam neste lugar do município compostelám: umha canteira de áridos, umha planta de tratamento de resíduos e umha empresa que fabrica tecnosolos (solos artificiais criados a partir de resíduos). A de tecnolosos, Tecnosolos Galaicos S.L., foi fechada a cautela pola conselharia. A empresa promotora do vertedoiro, Gestán Medioambiental S.L., gestiona também vertedoiros em Arteijo e Sobrado. O Concelho de Compostela trata desde fevereiro de revogar a licença do vertedoiro, que em janeiro era expedientado por Médio Ambiente. A plataforma começa hoje a ver o resultado do seu esforço, mas nom foi fácil e no começo estavam praticamente sós.

"Fai uns cinco anos que começárom a passar mais camions por aqui, muitíssimos", explica umha vizinha da aldeia de Miramontes. "Cheira fatal, o outro dia um camiom tivo umha avaria e em vez de parar na estrada da canteira estacionou ao lado da aldeia. Se passas por aí ainda podes perceber o cheiro". Na aldeia, conta David Martínez, vivem poucos vizinhos, sobretodo idosos. "Levam dous anos fechando as janelas para nom terem que suportar o mal olor", lamenta, "há quem quer ir viver a Compostela com os filhos".

Os camions do vertedoiro circulavam sem permissom. Mas, como lhe explicou um camioneiro às membras da plataforma "ao meu chefe nom lhe importam duzentos euros de multa". A Guarda Civil acudia aos chamados da vizinhanzça, mas nom podia fazer mais do que pôr sançons. Na aldeia de Miramontes nom há sinais que indiquem a proximidade dumha canteira. A única pista é um que proíbe o passo de camions de mais de 5,5 toneladas por umha via asfaltada muito estreita. A problemática foi-se agravando, os vertidos chegavam em ocasions às leiras. A plataforma teme que as águas da contorna também se vejam afetadas.

Para a asociaçom contra o vertedoiro de Miramontes foi um pulo a achega da Sociedade Galega de História Natural, que estudou em 2018 as análises realizadas pola Conselharia de Médio Ambiente em Miramontes à empresa de tecnosolos. Foi a plataforma a que turrou para que levassem a cabo. Serafín González, membro do CSIC e da Sociedade, foi o encarregado. Num informe denunciava que os níveis de elementos tóxicos nas mostras eram superiores aos permitidos. A conselharia também reconheceu as irregularidades existentes no vertedoiro em janeiro de 2018.

Para chegar a este ponto a plataforma de afetados petou a mais portas das que podem lembrar. A dia de hoje seguem mobilizando-se e recebem chamadas doutras associaçons, que lhes preguntam como fazer. "Falamos com eles e comprovamos que o *modus operandi* é bem similar", explica David, "No começo som projetos inócuos, logo vam pedindo ampliaçons, os projetos cada vez som mais perigosos e logo a empresa marcha deixando todo isso aí." Em Miramontes nom se resignam. "Muitas vezes nos preguntam que até onde vamos chegar", conta David, "onde faga falta, o mal já está feito".

Paragem de autocarro em Albixoi (Mesia)
illa bufarda

MOBILIDADE /

# Junta tem que renovar o mapa do transporte por estrada após sentença

**aarón l. rivas**
aaronlrivas@novas.gal

Para dezembro de 2019 a Junta terá que ter fechadas todas as linhas de autocarros do país. O novo plano de transporte público da Galiza, umha tarefa que a administraçom galega tivo que abordar após umha sentença do Tribunal Supremo, contará com duas novidades fundamentais: o transporte escolar partilhado e o transporte a demanda. Atualmente, umhas 41 linhas adjudicadas em 2017 estám a ver incorporadas algumhas destas novidades, no que a Junta considera a primeira fase do plano.

Em 2016, o Tribunal Supremo tombava a Lei de medidas urgentes para a modernizaçom do transporte público aprovada polo Parlamento a finais de 2009. Fundamentalmente, esta normativa consistia na prorrogaçom durante 10 anos das concessons existentes, com o compromisso das concessionárias para abordar a modernizaçom da sua frota. Num primeiro momento, a Comissom Nacional da Competência (CNC) estivo a combater esta decisom nos tribunais por entender que contradizia a normativa europeia, a qual nom permite que as concessons se estendam por mais de dez anos.

A Lei da Junta aprovou-se uns dias antes do que o regulamento europeu que consolidou o argumentário da CNC, mas a sentença encontra a nulidade de processo na resoluçom de fevereiro de 2010 da Direçom Geral de Mobilidade em que se desenvolviam as bases da lei de modernizaçom do transporte, já com a nova normativa europeia em vigor.

"Na prática, esta sentença, ao anular a renovaçom das concessons de transporte público regular permanente de uso geral por estrada, deixou sem efeito 131 contratos de transporte interurbano, deste jeito, dos 145 existentes em 2009, só 14 mantinham a sua vigência", expóm o documento público apresentado pola Junta no mês de abril e com que se inicia a tramitaçom do novo plano de transporte.

> Em 2017, umha sentença do Supremo tombou a prorrogaçom das concessons por dez anos aprovada em 2009

### A 'primeira fase'

Após esta sentença, a Junta aprovou umha lei pola qual estabelecia a continuidade das linhas através dum período transitório, mas abrindo também a porta a que algumhas concessionárias renunciassem se nom consideravam rendível a prestaçom do serviço. Após ter-se realizado essas renúncias, a Junta terá que sacar adiante um total de 41 concessons, que terám umha vigência de dous anos e em que se implementarám o transporte escolar partilhado e a prestaçom de serviços baixo demanda. Isto é o que a administraçom galega definiu como a primeira fase do plano

A greve de 2017 conseguiu a sub-rogaçom do pessoal nas futuras concessons do plano de transporte

de transporte público.

Entre as entidades que tenhem mostrado o seu rechaço a este novo plano encontra-se a central sindical CIG. "Cremos que os primeiros contratos realizárom-se de jeito apressurado e necessitava um tempo mais de repouso", expóm o sindicalista Xesús Pastoriza, quem também critica que o reparto das concessons seja feito por zonas, o qual pode provocar umha maior quantidade de transbordos e, portanto, um encarecimento do serviço. Pastoriza também se mostra contrário a que as linhas de transporte escolar se integrem nos serviços regulares. "Entendemos que as crianças da escola nom podem ir misturadas com adultos", indica ele, quem também acrescenta os problemas horários desta integraçom "pois qualquer incidência no autobus escolar retrasaria a linha, com que a gente nom chegará ao seu destino na sua hora".

### A greve de 2017

No eido laboral, os primeiros passos realizados em 2017 face este novo plano de transporte contárom com umha resposta em forma de greve que se estendeu durante várias semanas ao longo do verao. Com esta mobilizaçom, o pessoal das concessionárias queria denunciar os efeitos dumha previsível concentraçom empresarial no setor e garantir a sub-rogaçom das trabalhadoras e trabalhadores nas novas concessons. "Graças à greve conseguiu-se que as cláusulas sociais garantissem a sub-rogaçom do pessoal", expóm Pastoriza. Porém, houvo umha exceçom, a de Autos Morán na Marinha de Lugo. Segundo explica este sindicalista, Arriva (a anterior concessionária) contava com quinze pessoas para sub-rogar, das quais Autos Morán contratou seis, chegando-se mais tarde a um acordo para que outros seis voltassem para Arriva. "Ainda que som números pequenos, a Junta nom conseguiu que ninguém ficasse fora", afirma Pastoriza.

No documento base do Plano de transporte público apresentado pola Junta neste mês de abril, recolhe-se a obriga de sub-rogaçom do pessoal para todas as empresas do setor do transporte público, afirmando a administraçom galega o seu compromisso de manter os postos de trabalho.

### As renúncias da Monbús

Estes nom forom os únicos movimentos que se derom nos últimos meses no mapa do transporte público galego. Em fevereiro, a Junta publicava as adjudicaçons das linhas A Corunha-Vigo e Vigo-Lugo. A Monbús renunciara a estas linhas, mas a adjudicaçom voltou para a mesma empresa, oferecendo esta umha rebaixa no bilhete de 26%.

Xesús Pastoriza, da CIG, acha esta situaçom inexplicável. "O que acontece em muitas ocasions", acrescenta o sindicalista, "é que um contrato nom é rendível, mas o concedem igual e ao cabo dum ano a empresa começa a pedir dinheiro à administraçom pública. Aí há umha fraude do ponto de vista político, porque se permite que umha empresa vaia por baixo de preço para depois receber subvençons".

## INVESTIGAÇONS JUDICIAIS /

pontevedra viva

# Monbús baixo lupa

Monbús é o maior grupo empresarial de transporte por estrada da Galiza. O seu presidente, Raúl López, leva anos sob a lupa da justiça. Em 2015, López era detido no marco da 'Operaçom Cóndor'. Segundo foi publicado nos meios de comunicaçom, a sua detençom ocorreu enquanto entregava 60.000 euros em metálico a umha família de Sangenjo vinculada à hotelaria. Após passar 72 horas na esquadra policial, López declarou perante a juíza Pilar de Lara, quem o deixaria em liberdade depois do pagamento dumha fiança de 20.000 euros. Aquele dia, López saia investigado polos cargos de branqueio de capitais, falsidade contável, tráfico de influências e subornos. Em 2016, a sé de Monbús seria registada por agentes de Vigilância Arancelária no marco da mesma operaçom.

O grupo empresarial Monbús foi o principal beneficiado das 41 adjudicaçons que a Junta tivo que sacar adiante em 2017. Empresas deste grupo -associadas em unions temporais de empresas com outras companhias- levárom-se umha em cada quatro destas novas adjudicaçons.

**elena martín lores**
conselho@novas.gal

Érica García e Diana Guillén, ativistas, feministas e trabalhadoras desde há anos do 'Centro de Derechos de Mujeres' (CDM) de Honduras, compartírom connosco a difícil situaçom do povo hondurenho, particularmente das mulheres e do coletivo LGTBIQ+, baixo a ditadura de Juan Orlando, reeleito ilegalmente em 2017 e que conta com o apoio do governo estadounidense.

**Érica García e Diana Guillén**
do 'Centro de Derechos de Mujeres' de Honduras

borxa toxa

# "Em Honduras as mulheres estamos a saber da nossa força quando nos unimos"

**Como é a situaçom hondurenha baixo a ditadura de Juan Orlando?**

**Érica García:** Honduras leva anos mal. É um país que foi sistematicamente saqueado, considerado umha 'república bananeira' e utilizado como hangar militar para bases estado-unidenses desde o século XIX. O imperialismo leva presente desde há anos, com o conhecimento dos governos e com golpes de estado contínuos. Porém, entre os anos 1982 e 2009 houvo um período de silenciamento em que quase ninguém se queixava porque as cousas nom estavam tam mal e porque coincidiu com a expansom do neoliberalismo. Nesta época habia expropriaçom, mas também emprego e a gente tirava algum benefício económico da situaçom. Ademais, durante esta época as violaçons dos direitos humanos nom eram tam constantes e nom era tam perigoso viver aqui. Mas dêrom o golpe de estado em 2009, (Juan Orlando já era Deputado) que está suficientemente documentado que foi promovido e apoiado polo governo norte-americano, e todo quebrou e se militarizou.

A ditadura cresceu paulatinamente a partir de que o Partido Nacional entrou no Governo e começou a modificar as leis para assegurar a sua estadia permanente. A partir de 2014, durante o primeiro governo de Juan Orlando, ele começa a manipular e a criar instituiçons que estejam no seu mando direto. A instituiçom mais importante que cria é o Conselho Nacional de Defensa e Segurança. Este conselho é segredo, e aí é onde se tomam as decisons sobre segurança estatal, com partida orçamentária confidencial.

Em 2014 a polícia militar já tinha tomadas as ruas. Até hoje. Se antes havia umha polícia nacional, agora há cinco: os cobras, os tigres... Polícia altamente equipada promovida pola campanha que vem dos EUA da 'Guerra contra o Narcotráfico'. Porém, está claro que isso nom é mais do que umha escusa. A guerra contra as drogas é umha mentira já que o narcotráfico está intimamente relacionado com o Governo. Desde o início desta suposta luita, a entrada de drogas no país aumentou e há muitos povos indígenas subjugados por narcotraficantes com a cumplicidade do Estado. Todos os fundos

que som para esta guerra se usam realmente para reprimir as pessoas que se oponhem às políticas ditatoriais do Partido Nacional.

**Diana Guillén:** O equipamento de cada soldado está valorado em 5000 dólares. A carga tributária que gera o alto custo de armar esta força militar provocou que neste período de tempo, desde 2009 até hoje, a dívida externa triplicasse. Toda esta campanha dos EUA de luitar contra o narcotráfico é um simulacro que eles criam para venderem armas ao Triângulo Norte: Guatemala, El Salvador e Honduras. É importante entender que o caso de Honduras nom é isolado, senom que fai parte dum projeto de dominaçom por parte do imperialismo de todo o hemisfério sul para impedir os processos de emancipaçom por parte dos povos do continente.

**E.G.:** Este gasto militar é ridículo para um país que, em teoria, nom está em guerra e que ademais tem umha populaçom altamente empobrecida. O 67% vive na pobreza, o resto está em risco de empobrecimento e apenas o 1% tem toda a riqueza do país. Contudo, o orçamento que o Congresso Nacional aprova cada ano nom fai mais do que decrecer em matérias de saúde e educaçom, enquanto aumentam dinheiros destinados à segurança. Entendendo segurança do ponto de vista dumha ditadura: mais armas, mais homens armados, mais segurança privada... Há muitos casos em que estas empresas som levadas por ex-militares adestrados para a guerra e contratam a homens pobres, sem educaçom. Imagina o que significa para as mulheres que este tipo de pessoas estejam armadas às portas dos estabelecimentos.

**D.G.:** Por outra banda, o atual ditador, ademais de ter ao seu cargo as forças policiais, criou baixo lei a sua própria força militar de elite. Isto implica que ele maneja um corpo militar mais grande do que as forças armadas. Se estas quigessem revelar-se nom poderiam. Esse é o poder que tem Juan Orlando agora mesmo. Isso sem contar com que os três poderes -executivo, legislativo e judicial- estám no seu controlo total desde que se fixo com o cargo em 2012.

Açom de mulheres hondurenhas contra os feminicídios

*"O atual ditador, ademais de ter ao seu cargo as forças policiais, criou baixo a lei a sua própia força militar de elite. Maneja um corpo militar mais grande do que as forças armadas"*

**Apesar da alta presença de militares nas ruas, o povo segue a luitar?**

**D.G.:** O povo está a sair às ruas de forma histórica em Honduras. Em 2015, saiu à luz um caso de desfalco na segurança social por parte do governo. Reconhecêrom, diante dos meios de comunicaçom nacionais, que o partido utilizara fundos do seguro social para as suas propagandas políticas, mas que algum dia devolveriam o dinheiro. Este desfalco provocou 3000 mortes das quais se podem comprovar, produto dos contratos fraudulentos que se dérom, onde se vendiam medicamentos falsos, equipos sobrevaloradas, usados, deteriorados, como se fossem novos e de última tecnologia, ou onde até o pessoal dos hospitais desviava medicamentos públicos a clínicas privadas. O povo, ao reparar em que a precária situaçom dos hospitais era cousa do governo, nom o puido aturar mais e o descontento cresceu até que se organizou socialmente.

**E.G.:** Este movimento conheceu-se como o *Movimiento de las Antorchas*. Por todo o país havia manifestaçons todas as sextas-feiras e sábados. Foi enorme.

**D.G.:** Para 2017, o fraude eleitoral que se deu, ademais da reeleiçom do presidente de forma anticonstitucional e ilegal fijo que a povoaçom saísse massivamente às ruas. Tomamos as estradas, tratamos de congelar o movimento económico... Mas como já digemos, a partir de 2010 as forças militares e todo o aparato repressivo estava mui fortalecido, e tocou-nos enfrentar-nos cara a cara com estes soldados armados com armas de última geraçom, contra um povo sem armas, mas também sem nada a perder. Assim, por um lado estava o povo insatisfeito e enfadado, até o ponto de nom tolerar mais, contra um corpo repressor altamente preparado, e que deixou um saldo de 43 mortos, mais de 1000 detençons e, atualmente, varias presas políticas das quais umha é mulher. As presas sofrem constantes violaçons dos direitos humanos. As prisons, por esta propaganda de luita contra o narcotráfico, convertêrom-se em campos de concentraçom onde os presos políticos som sistematicamente torturados. Todo isto sem contar com desapariçons, sequestros...

A populaçom que está mais indignada e mais organizada é a mais nova. Honduras tem umha juventude que nom pode aceder a ensino nem bons empregos. Eles mesmo chegárom a expressar publicamente que nom tenhem medo porque já lhes roubárom todo. Estamos a falar de rapaziada de 14 anos a dizerem estas cousas, praticamente nenos.

# a terra treme

Assembleia dumha 'Oficina Municipal de la Mujer' em Honduras
hondudiario

**Se a situaçom geral é péssima, a situaçom da mulher há ser pior, com o incremente do número de feminicídios e a impunidade à hora de cometê-los.**

**E.G.:** Sem dúvida. Se os homens sofrem violência numha sociedade assim, as mulheres, sobre todo as indígenas, sofrem em muitos mais níveis: nom só polo narcotraficante que controla a sua vila, nom só polo Estado, nom só pola polícia, senom também e tristemente dentro dos movimentos organizados, por parte de companheiros de luita.

O corpo da mulher é um botim de guerra, e numha cultura militarizada como a de Honduras, os feminicídios som umha constante. No ano passado, segundo cifras do Observatório de Violência contra a Mulher, os feminicídios estavam em retrocesso, porém, estas som cifras falsas. Segundo os dados dum observatório universitário, umha mulher é assassinada cada 17 horas, mas o governo oculta dados. A pergunta seria, por que razom. A resposta está de novo relacionada com a suposta guerra contra o narcotráfico: tenhem que justificar todo o dinheiro que estám dedicando em polícia e armamento. Se apesar de todo o gasto os feminicídios seguem a aumentar, isso nom seria aceitado socialmente e ocultam as cifras reais.

**D.G.:** Umha das estratégias que utilizam para controlarem as estatísticas de assassinatos é nas autopsias. Se antes num corpo havia algum tipo de marca de arma branca ou de disparo considerava-se homicídio ou assassinato. Hoje declaram-se 'mortes indeterminadas'. Isto fai com que as taxas de assassinatos diminuam e aumentem a de suicídios ou mortes indefinidas. O assunto é tam forte que até há umha brincadeira local sobre pessoas que aparecem com marcas de arma branca nas costas, di-se que "se suicidárom polas costas". Em 2016, segundo dados do Centro Estatístico Policial (CEPOL), houvo 460 casos de feminicídios, e só dous fôrom condenados como tal. Nom há investigaçons, é ridículo. Ademais, o governo tem um cerco impressionante sobre os meios de comunicaçom, pagam-lhes para que manipulem a informaçom. Nunca se fala do mal fazer do estado, senom que se lhe bota a culpa à cidadania.

**A isso suma-se o forte papel que tem a igreja dentro do governo. Como afeta isto aos direitos das mulheres?**

**E.G.:** Desde o golpe de estado de 2009 tanto o aborto como as pílulas anticoncetivas de emergência fôrom totalmente proibidas. E a educaçom sexual desapareceu quase por completo das escolas. Isto é fruito das pressons dos grupos fundamentalistas que formam parte do governo e que praticamente som o segundo poder do país. Hoje há 8 pessoas do Opus Dei no Congresso Nacional. E o governo negocia nom só com estes grupos, senom também com os líderes da Confraternidade Evangélica e com a Conferencia Episcopal. Em Honduras há umha grande aliança entre todos esses grupos religiosos e o governo. Assim, os direitos humanos das mulheres estám totalmente suprimidos.

*"Umha mulher é assassinada cada dezassete horas em Honduras. Mas o governo oculta estes dados. Declaram 'mortes indeterminadas', pese a existir marcas de arma branca ou de disparo"*

Antes do golpe de 2009 sim que se aprovaram umhas guias de educaçom sexual integral bastante completas. Tinham conteúdo, tinham imagens, falavam do prazer, da masturbaçom... Falavam de sexualidade normalmente. Mas fôrom retiradas por estes grupos fundamentalistas, que obrigárom a sacá-las das escolas e a queimá-las em fogueiras públicas, para fazê-lo mais simbólico. Despois, trocárom estas guias por umhas que nom tenhem imagens, que nom falam de prazer nem de métodos anticoncetivos, e que só falam dos aparatos reprodutores femininos e masculinos de forma tradicional. Mas se isto já é grave, ainda por cima nem é obrigatório lecionar nas escolas. Nom há aulas de educaçom sexual, senom que, por exemplo, o professor de ciências pode decidir dar para aconselhar, porque assim é como lhe chamam, aconselhar os rapazes para que utilizem preservativo.

**D.G.:** O último estudo que se fijo mostrou que só o 4% das escolas do país impartiam esta matéria deficiente de educaçom sexual. O 96% nem sequer fala do aparato reprodutor. Somos o segundo país da América do Sul com mais gravidezes adolescentes, produto da ignorância que sobre o tema.

**E.G.:** E ademais disto o aborto está totalmente proibido. O ano passado terminou-se de discutir um novo código penal, com a participaçom de consultores espanhóis da Agencia Espanhola de Cooperaçom Internacional para o Desenvolvimento. Entom, vários grupos de organizaçons de mulheres unimo-nos numha plataforma

chamada *Somos Muchas*, para tentar que no novo código penal fosse despenalizado o aborto no mínimo nas três causais mais típicas: violaçom, saúde e vida da mulher e inviabilidade fetal. Fijo-se um trabalho grande de concienciaçom e ao final as enquisas mostrárom que entre o 55 e 60% da populaçom era a favor do aborto nessas três causais. Contudo, o código penal nom mudou.

Agora o aborto está penalizado com penas de 3 a 6 anos, para as mulheres que abortam, e de 10 ou mais para os trabalhadores dos serviços de saúde que os levem ao cabo. Atualmente, entre a secretaria de saúde e várias organizaçons como Médicos sem Fronteiras está-se a tentar criar um protocolo de atençom integral para superviventes de violência sexual. Pensou-se que esta era umha oportunidade para, no mínimo, poder dar a pílula anticoncetiva de emergência para as raparigas que denunciem violência sexual. Mas em janeiro mandárom um correio às organizaçons mostrando o rascunho do protocolo e nom se menciona a PAE. Por isso começamos umha campanha antes de vir aqui, para evidenciar a violência sexual do país e fazer visível o facto de que, apesar do gram número de mulheres que som violadas, estas nem sequer podem aceder a umha pílula anticoncetiva de emergência. Este tema está a ser *trending topic* e foi capa dos quatro periódicos nacionais mais importantes. Existe umha pequena esperança de mudança.

**E.G.:** E ainda que o aborto se proibir, as mulheres obviamente seguem abortando. O aborto é a segunda causa de ingressos hospitalários.

Berta Zúñiga Cáceres, filha da ativista assassinada Berta Cáceres, nuns protesos populares em Honduras
daniel cima

*"No 8M, centos de mulheres e umha faixa com forma dumhas bragas gigantes que punham 'Aquí mando yo' conseguimos parar a polícia militar armada"*

**Como é a situaçom para o coletivo LGTBIQ+?**

**E.G.:** Há trabalho comum entre as organizaçons feministas e organizaçons defensoras dos direitos pola liberdade sexual e de género. Porém, é certo que o coletivo LGTBIQ sim que o leva pior com a sociedade em geral. De facto, dentro da nossa organizaçom, muitas evitam falar da sua condiçom sexual por medo.

**D.G.:** A sociedade é fundamentalista, há muita apologia do ódio e, sobretudo, há muitos crimes de ódio. Indyra Mendoza e as organizadoras de Cattrachas, umha organizaçom lésbica feminista dedicada à defensa dos direitos da comunidade LGTBIQ+ em Honduras, figérom umha análise onde demostrárom como cada vez que os meios de comunicaçom falam destes temas com ódio, utilizando palavras como "abominaçom" para referir-se aos membros desta comunidade, os assassinatos a pessoas LGTBIQ+ aumentam. E nom se passa nada, nom há censura, porque, legalmente, apesar de todo o mal que provocam, com pedir umha desculpa fica amanhado.

**Como se viveu e o que significou o 8 de março em Honduras?**

**E.G.:** Nós também saímos às ruas no 8 de março com a ideia de recuperar os espaços para as mulheres. Em Honduras o espaço público, sobretudo o noturno, é de homens, e queremos rematar com esta realidade. Se as organizaçons e coletivos som importantes, porque servem para analisar e estudar situaçons, nas ruas é onde se vai criando o movimento, onde se conecta com as companheiras e onde realmente se fai história. No jornal *Contracorriente* saiu um artigo que dizia '*El 8M: como parárom las mulheres hondurenhas*', e nele se fazia umha análise de por que muitas mulheres nom puidérom parar esse dia. Isto é porque há muitas mulheres no nosso país que vivem ao dia, que se um dia nom vendem, nem elas nem a sua família poderám comer. Logo, para poder participar da protesta, o que faziam era berrar desde os seus postos de venda.

O dia da marcha também coincidiu com a audiência dum dos implicados no assassinato da ativista Berta Cáceres. Fomos ata ali com umha faixa que tinha a forma dumhas bragas gigantes onde estava escrito o lema *Aquí mando yo*. Quando nos vírom chegar, saírom mais de 40 polícias num veiculo com a intençom de parar-nos. Mas nós nom estávamos dispostas a que passassem, assim que ficamos ali, faixa em mao, berrando e cantando. Conseguimos pará-los. Foi mui simbólico e empoderante porque centos de mulheres e umhas bragas gigantes conseguírom parar a policia militar armada. Foi um momento histórico. As mulheres que estávamos ali decatámo-nos da força que temos quando nos juntamos.

abraham bande paz

O 'Centre Internacional Escarré per a les minories ètniques i nacionals' (Ciemen) nasceu na década de 70 do século passado entre o exílio e a clandestinidade. Com o firme objetivo de construir um recanto de liberdade, as ideias e propostas iniciais fôrom dirigindo-se para o aprofundamento das diferentes realidades das nações sem estado, reivindicando reconhecimento, direitos e liberdades. Hoje temos a oportunidade de falarmos com o responsável de relaçons internacionais, o maiorquino Toni Trobat, e demais pessoal do Ciemen, para aprendermos mais um pouco sobre a importância e sentido desta entidade.

**Antoni Trobat**
responsável de relaçons internacionais do Ciemen

laia soldevila

# "Estamos a viver numha onda conservadora e retrógrada mui forte em todo o planeta"

**Que ferramentas utiliza o Ciemen para sensibilizar sobre os direitos e o reconhecimento das diferentes realidades coletivas?**
O Ciemen trabalha, fundamentalmente, em duas linhas políticas: por umha banda, a internacionalizaçom do caso catalá e, doutra, a pedagogia, quer os Países Catalans quer a Europa, a Mediterrânea e o mundo, sobre os direitos coletivos dos povos. O instrumento principal que empregamos é a rede. Para nós, a geraçom de cumplicidades e ligaçons entre organizaçons e espaços sociais e políticos dos povos sem estado é vital para poder difundir a nossa mensagem. Neste aspecto impelimos, desde os anos oitenta, um conjunto de iniciativas que tenhem a funçom de criar, de gerar, rede. A rede, como conceito, é vital para a democracia e para os direitos humanos num mundo tam estragado como o que vivemos.

Algumhas redes que nos dam orgulho por termo-las impulsadas e onde houvo participaçom galega –do BNG, Anova, a CIG, a Fundaçom Galiza Sempre, A Mesa e outras– estivérom ao longo da nossa história, por exemplo, a Conseu –Conferência de Nacions sense Estat–, a Rede Mundial de Direitos Coletivos dos Povos e o Fórum de fundaçons da esquerda soberanista do estado espanhol. Aliás, afortecemos todos os nexos por

meio de projetos de cooperaçom, agora mesmo com o Curdistám e mais o povo amazig do Magreb, e o digital *nationalia.cat*.

**Estám a se impor objetivamente mais limites à democracia e à liberdade de expressom, ou o problema tem mais a ver com a maneira que tivo o estado espanhol para construir a democracia?**

Cremos que estamos a viver numha onda conservadora e retrógrada mui forte em todo o planeta. Isto, no atual contexto global, no caso dos países de fala catalá ou a Galiza, deve acrescentar-se ao facto de que a cultura política espanhola é escassamente democrática. Os nossos povos estám numha situaçom de fragilidade que nom se pode esquivar.

**Que efeito poderia repercutir-se na atual atitude dos estados soberanos, o facto de ligar autodeterminaçom e internacionalismo desde a açom direta?**

Para nós, desde os tempos da Conseu nos anos oitenta e noventa, a que já figem referência antes —onde participavam intelectuais galegos como Xosé Manuel Beiras e Pilar Garcia Negro— foi mui importante para ligar o internacionalismo, entendido como a luita solidária polos direitos de todas as pessoas e todos os povos, com a causa nacional catalá e as causas nacionais próprias de todos os povos oprimidos. Todas as luitas som umha. Neste sentido, os primeiros anos do século XXI, com a eclosom do movimento alterglobalizador e o fenómeno dos Foros Sociais, foi um momento em que o Ciemen trabalhou por introduzir a luita pola autodeterminaçom na agenda da esquerda internacional. Penso que nos saiu bem, em grande parte, apesar das reticências de muitos setores de tradiçom jacobina. Hoje, na Europa e na América Latina, umha boa parte da esquerda começa a compreender luitas como a do povo catalá.

**Esta pergunta é para o Toni Trobat ativista: Que significa ser europeísta da Europa rebelde?**

Nunca fum partidário de deixar as palavras e os conceitos nas maos do adversário. Europa nom é apenas a UE, neoliberalismo e colonialismo. Também som direitos, siglas de luitas emancipadoras e muitos valores positivos que acho que, desde um olhar progressista, nom se podem ignorar. Nem abandonar. Sempre digo que som europeísta desta Europa rebelde, revoltada. A que vai desde os Irmandinhos galegos e os *Agermanats* maiorquinos dos séculos XV e XVI, passando pola Comuna de Paris de 1871 e até os partisanos judeus 'bundistas' combatendo os nazis nos bosques da Ucrânia nos anos quarenta. Hoje esta Europa insubmissa é a que representa os povos em luita, os novos movimentos feministas e os heróis e heroínas que cada dia, na fronteira sul, defendem os direitos dos migrantes e os refugiados que tentam chegar às nossas costas.

*"No caso dos países de fala catalá ou a Galiza, deve acrescentar-se o facto da cultura política espanhola ser escassamente democrática"*

*"Os primeiros anos do século XXI, com a eclosom do movimento alterglobalizador e o fenómeno dos Fórums Sociais, foi um momento no que o Ciemen trabalhou por introduzir a luita pola autodeterminaçom na agenda da esquerda internacional"*

**Poderíamos considerar a Europa como um mosaico de povos. Como achades que seria a melhor maneira de a ligar para favorecer a visibilidade das minorias?**

No Ciemen sempre consideramos que o melhor é que cada povo da Europa e do mundo decida, livremente, o seu destino. Depois, as ligaçons de tipo federal o confederal, às vezes podem ser positivas. O mais importante é que as europeias e os europeus tenhamos um ponto de uniom no reconhecimento duns valores comuns: a democracia, o respeito polos direitos humanos, ecológicos e dos povos, a defesa da mulher e das diferentes opçons sexuais e a equidade social.

**O Ciemen trabalhou intensamente sobre o Curdistám. Poderiam-se aplicar as teses do confederalismo democrático curdo noutros povos em luita?**

Cada povo é um mundo. É umha realidade diferente. Nom somos partidários de exportar modelos nem de os idealizar. Isso é o que fomentou o sistema capitalista e neocolonial e isso é o que também figérom moitas experiências supostamente antagonistas.

**Além das luitas curda ou palestina, que mais povos em resistência fora da Europa destacarias?**

Há muitas luitas. De tipologia diversa. Tantas como povos e comunidades humanas. Às vezes o facto que nom sejam mediáticas leva a ficarem es-

# a terra treme

Atividade celebrada na sede do Ciemen com a 'Associació d'Armènia a Catalunya'

quecidas. Seria impossível citá-las todas. Citarei três, de latitudes geograficamente diferentes. Os Mapuches, na Argentina e Chile, em luita contra o capital transnacional; os Inuítes e as minorias túrquicas e mongóis da Sibéria, arrasados pola colonizaçom russa; e os Iazidis e Assírios do Oriente Próximo —com quem o Ciemen tivo umha especial relaçom— minorizados e perseguidos polos estados dentro de cujas fronteiras viviam.

**Há alternativas para dar apoio a povos em conflito além da solidariedade internacional?**

Volto ao princípio. A chave é a rede. A solidariedade internacional tem moitas faces. Umha é a difusom das problemáticas e da pedagogia. Outras tenhem a ver com gestons e atitudes concretas. Desde decidir convidar um conferencista a umhas jornadas ou publicar ou traduzir um autor, até consumir determinados produtos. Ter, em definitivo, umha atitude, individual e coletiva, política e beligerante contra as injustiças.

**A pergunta é inevitável... e simples: Haverá República Catalá nos próximos anos?**

Na Catalunha necessitamos ampliar a base social do soberanismo. Precisamos de alianças mais fortes, dentro e fora do nosso país. O estado é demofóbico. A prática totalidade da classe política espanhola, também. A atitude de boa parte da esquerda espanhola e da sociedade civil fora da Catalunha foi lastimosa e bem pouco solidária. Contudo, isto nom tira, no ponto em que estamos, que urge trabalhar tática e estratégia de forma diferente. Para a materializaçom efetiva da República Catalá devemos considerar que nom estivemos o suficientemente fortes para resistir o ataque do estado depois do 1-O e pensar novas fórmulas para acumular mais força.

*"Europa nom é apenas a UE, neoliberalismo e colonialismo. Também som direitos, siglas de luitas emancipadoras e muitos valores positivos que acho que, de um olhar progressista, nom se podem ignorar"*

*"Nom somos partidários de exportar modelos nem de idealizá-los. Isso é o que fomentou o sistema capitalista e neocolonial"*

**Em caso de República Catalá, qual seria o futuro do País Valenciano e das Ilhas Baleares e Pitiusas?**

Os Países Catalans som um espaço nacional e cultural de matriz confederal. As quatro ilhas e o País Valenciano som sujeitos políticos, naçons políticas efetivas. Se um dia a República Catalá é umha realidade o ideal seria que a relaçom prioritária fora das fronteiras do Principat, fosse com as Baleares e Pitiusas e com o País Valenciano. O desejável seria que, se as suas respetivas cidadanias o aprovarem, as futuríveis Repúblicas Mallorquina, Menorquina ou Valenciá se confederarem no dia de amanhá com a Catalunha. Em qualquer caso, o que agora nos fai fortes, como Países Catalans, som as sinergias que construímos a partir da base em dous campos, que creio que somos referentes no sul da Europa: a cultura e o tecido associativo progressista.

**Como poderia afrontar a Galiza o seu futuro como povo, para garantir umha construçom nacional sólida? E mais a última: Tal como acontece no diassistema linguístico occitano-catalá, na Galiza temos o galego-português. Como pensades que se poderia espremer mais esta riqueza?**

Desde o Ciemen nom somos ninguém para dizer ao povo galego o que precisa fazer. Sempre tivemos umha excelente relaçom com todo o soberanismo galego. Desde a UPG até Beiras. A respeito da questom linguística temos a ideia que a ligaçom com o português, de forma ponderada, fortalece a língua galega.

sa ca un tos cooperativa gráfica

imagem corporativa
*design* web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
**www.sacauntos.com**

# o bom viver


**desportos /** Liga de bilharda / **26**

**ronseis /** Desportos na URSS / **28**

**cultura /** 'A palabra xusta' / **30**


# As faias da Marronda

Com mais de 1.200 hectares de superfície, dos quais umhas 600 estám arvoradas, a Marronda é exemplo notável de bosque húmido cântabro-atlântico de meia montanha (dos 448 aos 925 metros sobre o nível do mar). Neste lugar encontra-se umha importante reserva de faias (*Fagus sylvatica*), espécie com pouca presença na Galiza pola sua preferência polos solos calcários. Muitas espécies ameaçadas encontram refúgio na serra da Marronda. Na flora destaca-se o *Narcissus cyclamineus*, um narcisso endêmico da Península Ibérica. Podem-se encontrar mamíferos como a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) e sobressai também a presença de um invertebrado como a vaca-loura (*Lucanus cervus*). página 24

nerea v. lameiro

tanja freibott

## A GALIZA NATURAL /

# As faias da Marronda

**joão aveledo**

Termina a primavera e as frondes da floresta luzem esplendorosas. Entre os verdes diversos das folhagens filtram-se os raios do sol de junho para dar fulgores na erva e lampejos nas águas, águas do Rego do Souto, ribeiro afluente dum quase recém-nascido Eu, rio jovem que contorna o bosque velho da Marronda.

Com mais de 1.200 hectares de superfície, dos quais umas 600 estão arvoradas, a Marronda é exemplo notável de bosque húmido cântabro-atlântico de média montanha (dos 448 aos 925 metros sobre o nível do mar). Localiza-se no norte da Galiza, no concelho de Baleira, entre as aldeias de Branha, Fórneas, Mendreiras, Real e Martim.

Umas cento e setenta espécies de árvores e arbustos convivem nesta fraga: Carvalhos (*Quercus robur*), castanheiros (*Castanea sativa*), aveleiras (*Corylus avellana*), vidoeiros (*Betula alba*), tramazeiras (*Sorbus aucuparia*), amieiros (*Alnus glutinosa*), azevinhos (*Ilex aquifolium*), sanguinhos (*Frangula alnus*)... e especialmente faias (*Fagus sylvatica*). A Marronda constitui uma importante reserva de faias no seu limite de distribuição sul-ocidental.

### Umha árvore rara na Galiza

A faia é espécie rara na Galiza, pois prefere solos desenvolvidos sobre rochas calcárias, ainda que também a encontremos sobre alguns outros evoluídos a partir de ardósias ou quartzitos. Gosta de terrenos bem drenados e ricos em matéria orgânica e de climas húmidos e temperados, com verãos frescos. A sua área de distribuição estende-se por boa parte da Europa setentrional e central e ainda por algumas zonas do sudoeste europeu, numa faixa entre os 40 e 60º de latitude Norte. Na Galiza encontramo-la unicamente na Marronda e nas terras do Zebreiro e do Courel, ora em faiais mais ou menos puros como os de Fonte Formosa (talvez o faial galego mais bem conservado), Pintinidoiras e Linhares, ora em bosques mistos como as devesas de Zanfoga, Rio-Cereija, Romeor e Rogueira. Na Marronda concentram-se na zona conhecida como os Ameixadoiros.

Árvore longeva de folha caduca, pode chegar a atingir grandes dimensões (mais de 40 metros de altura) e um porte imponente. O tronco reto, de casca lisa e de cor cinzenta, ramifica a uma altura elevada (muitas vezes acima de metade da árvore) formando uma copa cónica ampla e ligeiramente alongada. As folhas, dispostas alternadamente sobre os ramos, são verdes brilhantes, ovais ou elíptico-lanceoladas e de margens onduladas. Os frutos formam glandes de secção triangular agrupadas aos pares ou aos trios e envolvidas por uma cúpula espinhosa que as liberta quando madurecem. Estes frutos de natureza

oleaginosa são muito apreciados por animais diversos como ursos (*Ursus arctos*), javalis (*Sus scrofa*), esquilos (*Sciurus vulgaris*)... e galos-monteses (*Tetrao urogallus*), quando os havia.

A faia era, segundo contam, um dos quatro pilares do ano solar celta, junto com o carvalho, o vidoeiro e a oliveira. A sua madeira utiliza-se para alguns trabalhos de marcenaria, como fabricação de móveis, *parquets*, soalhos... Também como combustível, pois tem um elevado poder calorífico (superior ao do carvalho), tendo sido tradicionalmente empregada na fabricação do carvão vegetal.

## Zona protegida

A Marronda está declarada desde 2016 Lugar de Interesse Comunitário (LIC) por ser uma zona de especial proteção dos valores naturais. Muitas espécies ameaçadas encontram nela refúgio. Na flora destaca-se, para além da faia, o *Narcissus cyclamineus*, um narciso endémico da Península Ibérica. Entre os vertebrados encontramos mamíferos como a cada vez mais escassa toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) ou o arminho (*Mustela erminea*); aves como a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) ou o tartaranhão-cinzento (*Circus cyaneus*); répteis como a lagartixa-de-montanha (*Lacerta monticola*) ou anfíbios como a salamandra-dourada (*Chioglossa lusitanica*), preciosidade do nosso património natural. Mas quando falamos de proteção, não devemos esquecer tampouco o grupo dos invertebrados, tradicionalmente preteridos devido ao nosso antropocentrismo e ao seu afastamento filogenético. Na Marronda sobressaem a vaca-loura (*Lucanus cervus*), o maior escaravelho da Europa; o caracol *Elona quimperiana*, que encontramos, quase exclusivamente, nos bosques umbrios galaico-cantábricos e bretões; e a lesma *Geomalacus maculosus*, que tem uma distribuição disjunta que abrange Irlanda, Inglaterra, Bretanha e o extremo norte peninsular (de Portugal à Cornija Cantábrica).

A uns excepcionais valores ambientais, este território soma valores paisagísticos, arqueológicos e etnográficos. Em Fonteu, como o próprio nome indica, está a fonte onde nasce o rio Eu. Encontramos nos arredores da Marronda castros como o da Pena dos Mouros, o da Pena do Castro, o de Degolada e o de Antigualhas. E campos de mamoas, aqui chamadas medorras, o que indica o medo que provocavam estes túmulos neolíticos; existe um denominado assim mesmo, Medorras, no Monte da Cruz da Nena, topónimo que evoca uma tragédia. Conserva-se ainda ali uma cruz em lembrança duma meninha supostamente devorada por lobos. Existem também miradoiros como o da Volta, o do Moinho ou o da Pena da Palha; cachoeiras como a da Marronda ou a do Poço da Ferreira; arquitetura tradicional...

Cachoeira da Acea, na serra da Marronda
iago casabiell gonzález

*Na Galiza encontramos a faia unicamente na Marronda e nas terras do Zebreiro e do Courel*

## Ursos na Marronda?

Na primavera de 2011, um destes plantígrados era detetado nas cercanias, no Alto da Vacariça. Durante semanas deixou abundantes pegadas na zona, chegando a ser fotografado enquanto atacava colmeias. Já em 2009, outro urso fora observado no vizinho concelho de Pol. A Marronda constitui um importante corredor ecológico que liga a Terra Chã com a cordilheira que Élisée Reclus na sua *Nouvelle Géographie Universelle* denominou "Pirenéus cântabros". Os corredores ecológicos são faixas de vegetação que visam mitigar os efeitos da fragmentação dos ecossistemas, promovendo a comunicação entre diferentes áreas naturais separadas pola atividade humana e com um papel chave na preservação da biodiversidade. Assim o conceito de "reservas isoladas" deve ser substituído polo de espaços protegidos interligados entre si.

NUTRIMOS AS TÚAS IDEAS!
audiovisual | fotografía | animación | deseño | formación
www.illabufarda.gal | info@illabufarda.gal
ILLA BUFARDA

alex

# Liga Nacional de Bilharda: O desporto galego, popular e rebelde!

xermán viluba
ovaral.blogspot.com

Esnaquizando as estatísticas e arrincando as lágrimas, assim rematou umha temporada regular mais na liga de bilharda mais importante da Europa e do mundo inteiro. Como um lôstrego que estoura no abrente, assim arrincava o gram *Play Off* Nacional da LNB (Abalhoada Nacional 2018) celebrado no último domingo de maio na terra livre e batida do estádio de futebol do Castinheirinho (Compostela) . De manhá celebrárom-se as finais infantis, que deixárom como campeom nacional Juanma de Lúa de Forza. A final por equipas converteu o Corredoiras de Bueu na franquícia campeám nacional, e a espetacular final de varados ou tiros diretos deixou Tomas de Carabullo (Muimenta) coma campeom nacional. No serám, a final feminina colocou Adriana de Valpaços Terra Quente como campeám nacional. Como gram foguetada a final absoluta que enfrentou três palandores do Sul, o novíssimo Juanma contra Lito de Corredoiras e Che dos Rinocerontes convertendo este último n@ flamante Coroceir@ Nacional 2018.

## A luita pola Coroza

Durante toda umha temporada três conferências da LNB (NorLeste, NorOestes e Sul-Rias Baixas) batem-se em sucessivas enganchadas regulares para escolher os representantes de cada categoria que luitem em Compostela polos títulos nacionais, sendo vestir a mítica Coroza da LNB o sonho, e pesa-

*Durante a temporada, três conferências da LNB batem-se para escolher os representantes de cada categoria que luitem em Compostela polos títulos nacionais*

*A seleçom galega de bilharda continua, de forma autogerida, ampliando alianças com as diferentes civilizaçons bilhardeiras do planeta*

delo ao mesmo tempo, de todos e cada um dos palanadores e palanadoras quando junguem o palám ao seu punho.

Mas para além dum carrossel de resultados, o que a LNB procura com toda a sua ânsia e força é mudar cada bilharda em pega selvagem para invadir cada umha das 3.772 paróquias galegas espalhando nelas a emoçom do nosso desporto nacional como o lume na erva seca. Porque a LNB é um projeto imenso que de forma natural flui e se retroalimenta, um animal selvagem que bisba, brua e uiva, um boi que chega embestando as adversidades e criando o seu próprio contra-relato.

Nessa construçom e distribuiçom de discurso próprio e original é no momento em que a gram serpe multicor da LNB se encontra, depois de criar umha B.S.O. com o referencial disco *República Bilharda*, infinidade de intervençons vídeo-artísticas com *TeleVaral* como ponta de cuitelo e perfomances poéticas, a bilharda pom o foco a cada vez com mais intensidade na própria pista de jogo e se interna no seu próprio ser para expandir-se como se dum *big bang* se tratar.

## A bilharda internacional

Com a participaçom em diferentes frentes internacionais como a Copa Cantábrica em Astúrias e a Copa Mediterrânea em Eslovénia, a seleçom galega de bilharda continua, de forma autogestionada, ampliando alianças com as diferentes civilizaçons bilhardeiras do planeta como a *Gilli Danda* em Paquistám e a India, o *Pandolo* no Leste europeu com países como Croácia, a *Lippa* em Itália ou a *Txitikila* ou o *Liriu* no País Basco e Astúrias respetivamente.

Contudo, o mais grande mérito da LNB é sem dúvida articular umha competiçom a nível nacional sem ter ajudas de federaçons nengumha. A bilharda é um desporto em estado líquido, como o licor café que nunca poderá ser acabicornado, que conta com um espetacular exército de palanadores e palanadoras que criárom a Plataforma Independente para a arbitragem com a qual se autogestiona cada um dos

Ganhadores da Liga Nacional 2018 durante a entrega de prémios
lnb

*Os marcadores em tempo real som a grande aposta a dia de hoje da LNB*

Abertos da LNB, umha direçom e coordenaçom arbitral que procura a ágil e rápida transmissom dos resultados tanto aos próprios jogadores na pista como aos milheiros de fans do nosso desporto nacional distribuídos polo mundo inteiro.

## Para quando no meios?

Os marcadores em tempo real som a grande aposta a dia de hoje da LNB. Em Compostela, no Play Off Nacional 2018, já se utilizárom as espetaculares tabelas criadas polo artista multidisciplinar do Eo-Navia Muriego como ponto de partida para o grandíssimo repto ao que se enfrenta a LNB hoje, ser capaz de transmitir nitidamente os resultados e o estado de jogo como acontece em desportos irmaos como som o beisebol, o críquete ou o *jai alai*. Este parâmetro é o que marcará o ponto de inflexom para que a bilharda poida ser retransmitida em condiçons ótimas nos meios de comunicaçom de massas. Pese a que todas conhecemos a podredume instalada na rádio e televisom pública que impede que a bilharda ou qualquer atividade física ou cultural galega de seu se lhe dea cobertura, non podemos deixar-nos esmorecer nesta teima e estar preparados para cando a povo alegre e combativo troque esta situaçom e se faga comum o que a dia de hoje parece um exotismo como quando fai uns meses se retransmitiu em direto pola TVG2 os jogos das seleçons galegas masculina e feminina de futebol gaélico contra a França.

Com uns estremecedores versos do poeta asturiano em língua galega Quique Roxíos, extraídos do seu último poemário *Personaxe Desconocido* despedimos esta intensa conexom, para que com a força dos nossos paláns e varados mais aginha do que tarde a bilharda e o galego de Astúrias sejam desportos e línguas oficiais: *A nosa fala / Tan esqueicéndoseme as palabras / de non usallas / de non pensallas / Tan esqueicéndoseme as palabras / de non acariñallas / de non chuchallas...*

Cartaz de 1947 convocando a juventude para os estádios
golovanov leonid fedorovich

*Na década de 1960 promocionavam-se duas pausas diárias no posto de trabalho para realizar ginásia preventiva de doenças laborais*

HISTÓRIA /

# Correr depois de Outubro. O atletismo na Revoluçom Russa

carlos c. varela

Antes de 1917, o atletismo na Rússia apenas se praticava em algum círculo elitista influenciado polo *sport* anglo-saxom. Com o trunfo da Revoluçom, também este campo experimentará enormes mudanças, encetando a URSS umha via própria, o que o sociólogo Norbert Elias terá chamado de "processo de desportivizaçom", via que um teórico do desporto sintetizou como "nem libertaçom nem diversom: umha disciplina vital". Com certeza, a prática desportiva na URSS deve ser enquadrada na vertiginosa política de modernizaçom que pretendia alcançar os *standards* dos países capitalistas, e que polo tanto, também partilhava com eles a genealogia disciplinar do desporto, mas as peculiaridades soviéticas nom deixam de ser significativas. Repassamos aqui as que vam de 1917 a 1945.

## Da educaçom física ao desporto de massas

A institucionalizaçom da prática desportiva decorre mui aginha no novo país socialista que, porém, é excluído das grandes organizaçons internacionais de desporto olímpico, como o COI, e de federaçons internacionais como a IAFF. Apesar destes atrancos, em 1918 Lenine assina um decreto para a criaçom em Moscovo do Instituto da Cultura Física, ao tempo que a educaçom física se torna pola primeira vez umha disciplina obrigatória na escola; um ano mais tarde, o governo despregará um ambicioso programa de desenvolvimento físico da populaçom. Cada creché passaria a contar com um médico e um professor de educaçom física, e nas escolas instauraria-se a ginásia matinal como umha rotina mais no desenvolvimento pessoal do alunado. No mundo universitário nom será até 1962 que a educaçom física se torne obrigatória. Como disciplina académica, a educaçom física contava com um elemento diferenciador relativamente à forma como era concebida no mundo capitalista: procurava-se a utilizaçom dos avanços científicos no mundo do trabalho, bem-estar dos operários e prevençom de doenças laborais associadas a cada tarefa. Para 1923 criará-se o Conselho Supremo da Cultura Física, o máximo órgao de gestom do desporto na URSS.

A finalidade da promovida educaçom física era a de formar umha pessoa "capacitada para o trabalho e para a defesa da pátria" (de facto esse é o nome do primeiro título desportivo oferecido pola URSS, o BGTO). No período de 1925-1930 promulgam-se um conjunto de leis e de medidas nom só para o desenvolvimento da educaçom física, mas também para promover o chamado "desporto de massas". É o período em que se fundam as grandes sociedades desportivas que conhecemos hoje: o Dynamo, Spartak, Lokomotiv, etc. Por estas políticas também se explica a fácil acessibilidade aos espetáculos desportivos: nos anos sessenta o futebol era tam barato que o estádio central de Moscovo reunia de oitenta a cem mil pessoas um par de vezes por semana.

## Um associativismo estatalizado

A Uniom de Sociedades e Organizaçons Desportivas da URSS tratava de todos os assuntos relacionados com o associativismo desportivo. Além das convencionais sociedades desportivas de base territorial -a Trud na Rússia ou Vanguarda na Ucrânia-, a URSS promoveu especialmente outras sociedades de tipo interrepublicano assentadas no mundo do trabalho. Algumhas delas ainda nos som hoje familiares polas equipas de futebol de renome europeu, ainda que todas elas se tratam de sociedades pluridesportivas. Assim, o Lokomotiv é a sociedade desportiva dos trabalhadores do setor de transportes, o Burevestnik do estudantado e professorado, o Spartak dos empregados e trabalhadores de diversos ramos, o Vodnik da Marinha, já o Dynamo dos empregados do Ministério do Interior.

Estas sociedades eram sempre pluridesportivas, e por baixo delas existiam inúmeros círculos e agrupaçons de cultura física vinculados ao mundo do

trabalho. Por umha pequena quota (por volta de 0,15% do salário), cada associada tinha direito à insígnia e uniforme do coletivo, ao uso gratuito das instalaçons e serviços, e a participar da vida política da mesma, tendo direito a escolher os dirigentes das sociedades desportivas e a apresentar-se para esses mesmos postos.

Este modelo organizativo tivo um grande sucesso, ao ponto de chegarem a existir por volta de uns setenta mil círculos de cultura física nas fábricas, *sovkhoz* e *kolkhoz*. Para a década de 1960 introduziu-se a promoçom das duas pausas diárias de dez minutos no posto de trabalho para realizar ginásia preventiva de doenças laborais, dirigidas polos próprios trabalhadores, e dos que participava todo o mundo, independentemente de estarem associados ou nom às agrupaçons desportivas.

Seleçom masculina soviética de futebol no estádio Lenine de Moscova em 1960.

## Sem desportistas profissionais

Esta mesta rede associativa do desporto é a que explica a repercussom que tinham as Spartakiadas com que a URSS respondia à exclusom das Olimpíadas. As Spartakiadas enraizavam nos centros de trabalho, atingindo nas de 1963 umha impressionante cifra de 66 milhons de participantes. A razom é que o modelo de participaçom era radicalmente diferente ao do desporto profissional: nas Spartakiadas todo o mundo participava nas provas classificatórias de que era amador. Nas do ano 1965, por exemplo, participaram competindo quinze milhons de operários, empregados e *kolkhozniki*, pertencentes a setenta mil clubes e, nom obstante esta base popular, nove recordes do mundo foram batidos polos desportistas amadores.

Tal e como explica a *Enciclopédia Comparada USA-URSS*, a grande diferença entre o desporto de elite soviético e o do mundo capitalista é que "o desportista soviético nom se desliga nunca do seu local de trabalho; quando termina a sua carreira desportiva volta onde trabalhava, a menos que tenha vocaçom pedagógica e vire treinador ou professor. Nestes casos, é a própria empresa a atribuir um salário de treinador ou professor". A ligaçom ao mundo do trabalho continuava mesmo quando o desportista atingia sucesso internacional, embora se lhe concedessem facilidades para o treino ou os deslocamentos, ou férias para preparar umha competiçom importante. Entre os desportistas de elite recrutavam-se os quadros para os planos estatais de educaçom física ou para a investigaçom científica desportiva na Academia das Ciências da URSS.

## Da competiçom à batalha

Com a conflagraçom da II Guerra Mundial, chamada na URSS de Grande Guerra Pátria, a totalidade dos desportistas de elite soviéticos tiveram que pegar nas armas. Pouco depois do ataque nazi de 22 de junho de 1941, já se organizam os comandos de desportistas voluntários agrupados na Brigada Motorizada Especial de Operaçons (OMSBON), especializada na sabotagem, onde destacaram todo o tipo de atletas, esquiadores, alpinistas, jogadores de hóquei no gelo, boxeadores, etcétera. A desportivizaçom da URSS era tal que mesmo durante o assédio de Leningrado, em 31 de maio de 1942, se chegou a disputar um corta-mato, de fuzil na mao.

*Com as Spartakiadas, que enraizavam nos centros de trabalho, a URSS respondia à exclusom das Olimpíadas*

Também combateram na OMSBON os que talvez fossem os dous atletas soviéticos mais célebres até entom, os irmaos Serafim e Gueorgui Znamenski, suicidando-se o primeiro em maio de 1942 ao inteirar-se da morte da mae e falecendo o segundo em 1946 por um cancro do estômago. Ambos os dous estudantes de medicina, serviram no destacamento médico.

A história destes dous vizinhos da aldeia Zelenaia Svoboda é o paradigma de 'heróis da classe operária' que promulgava a URSS. Os dous acudiam diariamente ao seu trabalho em Balashikha, nos arredores de Moscovo, correndo 16 quilómetros como parte do seu treinamento. Sempre com Serafim na primeira posiçom e Gueorgui na segunda, os irmaos Znamenski ganharam em 1934 os campeonatos nacionais de 1.500, 5.000 e 10.000 metros, consagrando-se como os grandes dominadores do fundo soviético. Nos anos 1935, 1937 e 1938 ganhárom o corta-mato internacional que o jornal *L'Humanité* organizava em Paris, criando tal expetaçom entre a classe operária parisina que no último ano que a disputárom congregárom 60.000 espetadores entusiastas. O palmarés de Serafim antes do começo da guerra era espetacular: cinco vezes campeom da URSS nos 5.000 metros, quatro nos 10.000, e também venceu nas Olimpíadas Operárias sobre esta última distância.

Depois da brutal paréntese bélica, a URSS é readmitida por méritos próprios no COI, dando começo um novo capítulo do desporto soviético, agora marcado pola transformaçom do campo desportivo em mais um cenário da Guerra Fria com os EUA. O temor ao choque direto fazia da corrida espacial ou das Olimpíadas um outro campo de batalha, menos perigoso para a humanidade, onde as duas grandes potências mediriam o seu prestígio e influência internacional. É neste contexto de transformaçom do desporto na "continuaçom da política por outros meios" que a URSS ocupou o primeiro lugar no medalheiro dos Jogos de Melbourne, repetindo nos seguintes de Roma.

Fotograma do filme 'A palabra xusta'

# O 'mansplaining' sentimental

**iván cuevas**
cineclube de compostela

No ecrã, a vivenda familiar de Antía Cal em Muras, uma casa com vistas ao rio Eume, construída no século XIX e agora abandonada e vazia. Dos armários e baús saem objetos e documentos que se nos apresentam sobre as superfícies velhas e gastadas. Sobre todos estes elementos, a pedagoga começa a contar a sua própria história.

Essa é a armação do documentário *A palabra xusta*, dirigido por Miguel Piñeiro e estreado a finais do ano 2016, ainda que segue a girar por cinemas de todo o país. Presumivelmente centrado na vida e no labor pedagógico de Antía Cal, tal argumento poderia servir para mostrar uma Galiza na vanguarda e uma personagem feminina forte, independente e inovadora.

De início, a escolha do espaço e a construção duma narrativa que só se dirige ao passado (apenas a última cena pode ter uma vontade de projetar algo do trabalho de Cal no presente) põem-nos em advertência. O cenário em que transcorre a história é, mais uma vez, a Galiza a que nos tem afeitos o audiovisual: um país amável, bonito e ancorado noutro tempo. A feitura do filme, excessivamente televisivo, o uso duma música sentimentalizante e a narração insistem numa visão que quer ser poética e que na realidade elimina qualquer tipo de conflito.

Contodo, abstraiamo-nos destas questões estéticas e da ética que ocultam. Aceitemos que a escolha do espaço e dos elementos que vertebram a história poderia ser coerente com a vontade do diretor, que tem manifestado que o interesse do filme não era mostrar a figura pública da renovação pedagógica galega, mas a pessoa que se esconde por trás dela. Cumpre perguntar-se, pois: que visão dá *A palabra xusta* da biografia de Antía Cal?

Piñeiro mostra-nos desde o início uma mulher muito marcada polos seus antepassados, especialmente os masculinos (algo que não deve passar desapercebido), ainda que a figura da mãe vai ganhando peso a medida que Antía Cal decide escolher os seus estudos. Logo da mocidade, a sua vida, segundo o documentário, girará arredor de dous eixos principais: o seu homem, Antón Beiras, e a pedagogia.

Nestas, o discurso sobre a pedagogia que arma o filme não pode ser mais dececionante. Vendo *A palabra xusta* resulta impossível conhecer, fora dalgumas anedotas, o programa educativo implantado na escola Rosalía de Castro. A sua hipotética influência sobre modelos alternativos de ensino atuais não se trata em nenhum momento e a experiência fica como algo único no tempo e isolado. Os melhores momentos do filme, aqueles nos quais Cal aponta contradições ou atrancos no desenvolvimento da escola, ficam em segundo plano.

Mas o principal problema do filme é o uso da figura de Antón Beiras. Piñeiro escolhe uma seleção de cartas escritas por ele a Antía Cal e decide apresentá-las como fio condutor do relato. O resultado é uma narração cuidada e omnipresente que se impõe sobre o relato da pedagoga, mais fragmentado polo registo oral e pola idade, mas infinitamente mais interessante. A voz de Cal, uma das mulheres mais avançadas da sua época, supedita-se à do seu homem, que pontua a sua vida mesmo depois de morto. Nas mãos de Piñeiro, umas missivas de amor igualitário convertem-se no filme num ato de *mansplaining* e o possível relato duma mulher forte fracassa por completo.

# CENTROSOCIAIS

**COMPOSTELA/**
**O PICHEL**
Santa Clara
**CASA DE SAR**
Curros Enríquez

**VIGO/**
**A COVA DOS RATOS**
Romil
**DISTRITO 09**
Coia
**FAISCA**
Calvario
**A REVOLTA DO BERBES**
Rua Real
**CSOA A QUINTA DA CARMINHA**
Rua do Carme

**OURENSE/**
**CSO A KASA NEGRA**
Perdigom
**A GALLEIRA**
Praça Sam Cosme

**PONTE AREIAS/**
**CSA O FRESCO**
Bairro da Ponte

**RIBEIRA/**
**CSA O FERVEDOIRO**
Rua Mendes Nunes

**LUGO/**
**ATENEO LIBERTARIO A ENGRANAXE**
Rio Sil
**CS MADIA LEVA**
Serra dos Ancares
**CS VAGALUME**
Rua das Nóreas

**A CORUNHA/**
**CS A COMUNA**
Verea do Polvorim
**CS GOMES GAIOSO**
Marconi
**ATENEO XOSÉ TARRÍO**
La Paz

**FERROL/**
**CS ARTÁBRIA**
Trav. Batalhons
**ATENEO FERROLAN**
Magdalena

**NAROM/**
**CS A REVOLTA DE TRASANCOS**
Alcalde Quintanilla

**A GUARDA/**
**O FUSCALHO**
Frente a Atalaia

**PONTE D'EUME/**
**LS DO COLECTIVO TERRA**
Boa Vista
**CSOA A CASA DA ESTACION**
Avda. Ferrol

**BURELA/**
**CS XEBRA**
Leandro Curcuny

**PONTE VEDRA/**
**LICEO MUTANTE**
Rosalia de Castro

**CANGAS/**
**A TIRADOURA**
Reboredo

**CASTROVERDE/**
**A CHAVES DAS NOCES**
Sam Juliam de Pereiramá

**SÁRRIA/**
**BURIL**
Travessia da Rua Nova

# O QUE FAZER?

**CEIA SOLIDÁRIA.** O organismo popular anti-repressivo Ceivar organiza jantar solidário com o que recadar dinheiro para sufragar as multas de 1.800 euros contra três solidárias que despregárom faixa pola liberdade das presas e presos independentistas. O preço da ementa é de cinco euros.
**CS GENTALHA DO PICHEL, COMPOSTELA**
QUINTA-FEIRA 28 DE JUNHO, ÀS 21.30H

**TORNEIO DE TRAINHEIRAS.** Por segundo ano consecutivo, a ensenada da praia do Orçám acolherá a regata Bandeira Cidade da Corunha. Na competiçom, que pontua na liga ACT de trainheiras, desputarám-se duas jornadas de regata da liga feminina.
**ORÇÁM, A CORUNHA**
SÁBADO 7 DE JULHO E DOMINGO 8 DE JULHO


# isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

**fai-no possível**
em www.novas.gal/loja

Equipa organizadora da **Festivala**

charo lopes

# “De cantantes a técnicas de som, a Festivala está toda feita por mulheres”

**redaçom**
conselho@novas.gal

Por segundo ano, a organizaçom feminista ‘O Soño de Lilith’ promove a Festivala em Vilagarcia de Arouça. O projeto, que inclui desde concertos a apresentaçons de projetos feministas, busca dar visibilidade ao trabalho realizado por mulheres e estabelecer-se como um espaço no qual avançar nas estratégias feministas. Falamos com algumhas das integrantes do coletivo, Sol e Paz Romagnoli, Mariajo Piñeiro, Beatriz Lede e Daisy Alcalde.

**Por que Festivala?**

Queríamos refletir no próprio nome que este é um festival de e para mulheres e com isso mudar os cartazes habituais dos festivais, que som totalmente androcéntricos. Saiu o nome de Festivala, gostamos dele no mesmo momento e já nom buscamos mais.

**Um festival feminista diferencia-se doutros nas atividades, concertos... Mas, também a organizaçom deve fazer-se diferente? Como é organizar Festivala?**

Nom sabemos como se organiza outro festival (risos). Nom buscamos os grupos que estejam na moda, colocamos o foco nas mulheres: artistas que mostrem os seus projetos, os seus livros, grupos de mulheres, técnicas de som... todas as pessoas que conformam Festivala som mulheres e isso é um ponto de partida que trai dificuldades. Mulheres há muitas, mas buscamos que trabalhem desde a perspetiva de género, sobretudo nos grupos musicais. Por exemplo, este ano trouxemos La Otra.

Logo também está o económico já que nom temos ânimo de lucro e dependemos das achegas e subvençons que houver. Nengumha de nós cobra nada e é complicado conciliar agendas. Felizmente, este ano contataram-nos algumhas artistas que queriam mesmo participar no Festivala.

**Como se relaciona Festivala com o movimento feminista?**

O Festivala nasce do movimento feminista, buscando ideias desde a nossa organizaçom, *O Soño de Lilith*. Calhou sermos um coletivo no que nos damos todas mui bem.

O primeiro ano recebemos muitos apoios desde os feminismos e os grupos compostos por mulheres vinhérom a apresentar os seus projetos. Este ano já fumos mais concretas, as artistas contatavam-nos porque queriam participar e faziam-nos propostas. E assim é como o Festivala se converteu num espaço para as mulheres que querem mostrar o que fam.

Em Vilagarcia, a banda de música criou um grupo alternativo composto só por mulheres e meninas. Nas bandas eram sobretudo homens, polo que ver um grupo potente de mulheres, com umha diretora, é emocionante. Ademais, tocam peças de mulheres invisibilizadas pola história e querem continuar, que nom fique só um grupo para atuar no Festivala.

**Que objetivos marcades para o futuro?**

Gostaríamos de que fossem três dias de acampada! Temos a esperança de que cresça ou, quanto menos, se mantenha. Para isso temos que trabalhar muito. Festivala nom é apenas um dia, mas fai parte dum projeto. Levamos a cabo atividades ao longo da semana e por diferentes vilas. O ano passado centramo-nos no transfeminismo e este ano decidimos achegar-nos aos feminismos negros com a participaçom de Afroféminas. É mui necessário ir ao encontro de fórmulas para trabalhar em nós próprias. Dizemos que somos mui diversas, mas nom o somos tanto. Ainda temos muito que aprender e que melhor forma de fazê-lo que através do Festivala?

# Resistências

Xian Naia

Imagina o mar. Um bairro cheio de rincons de histórias da resistência urbana materializada em nomes, em pedras. Um ativismo combativo com espaços liberados e memória viva. Um rastro de ateneus e praças para a conversaçom e a aprendizagem militante.

Imagina um despejo no bairro obreiro dum centro social okupado localizado nos terrenos usurpados antes polo exército. Um concelho que governa *polo cambio* e um projeto que se dixo *municipalista*. Um despejo com porras extensíveis, mercenários e com cheiro a gás pimenta. Imagina brechas, berros, contusons das companheiras que se oponhem e multas às vizinhas que se solidarizam com o cláxon. Um espaço que é, que foi, ocupado e é garante assim da autogestom e a açom direta nas maos de todas. Um modelo que enfrenta a ideia da propriedade privada e a produçom social do capitalismo como formas de relacionamento. Que entende a intervençom amável e a imposiçom como práticas contrárias à autonomia radical dos movimentos libertários.

Imagina umha pessoa presa. Uns muros que reprimem para ambos os lados numha aldeia que conta com mais presas dentro deles do que fora, pensa nisso. Imagina cargos de atentado, lesons, sediçom por luitar contra um sistema que é contra a vida das pessoas. Um governo que nom assume responsabilidades e antigxs companheirxs que nom realizam umha crítica e naturalizam, no silêncio, a repressom às mais ativas.

Do que se trata aqui é de traduzir a raiva em constestaçom e autonomia, em solidariedade com as sequestradas. Trata-se de construirmos umha sociedade que nom ansie o poder, que nom materialize as luitas na constituiçom de práticas de repressom ao serviço dos poderes institucionais. Trata-se de construir a sensibilidade da resistência e o apoio mútuo. Nom à repressom dos movimentos sociais!